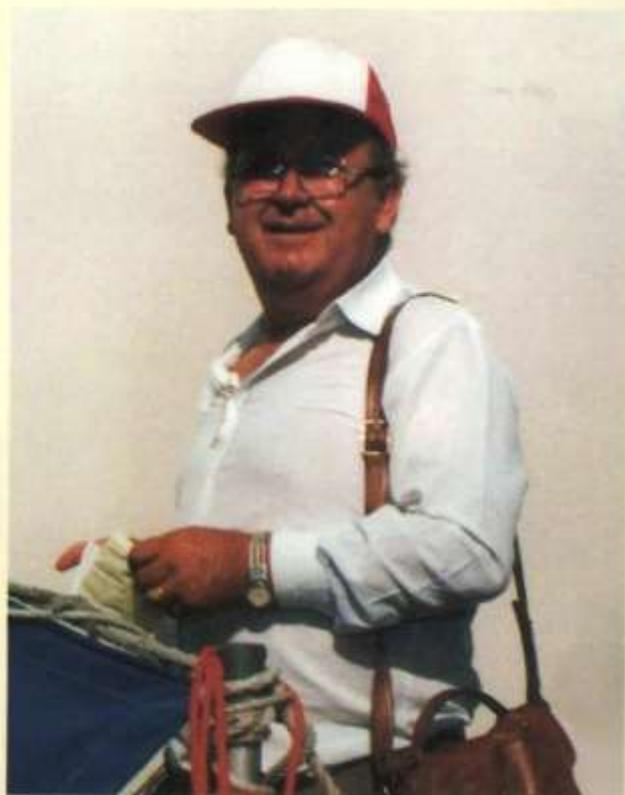


A vida é uma incógnita



Ignacio Dalcim

“Um dos meus sonhos –
confidenciou o primo Arcide - é
passar minha experiência de
trabalho como advogado para um
parente chegado: filho, neto ou
bisneto. Infelizmente, até agora
não consegui passar adiante esta
herança maior, superior a todos
os bens que possuo.

Nos meus 40 anos de Assessoria
Jurídica descobri que alguns
procedimentos, às vezes muito
simples, são essenciais para o
bom desempenho e o sucesso nos
processos jurídicos. Infelizmente,
na maioria das vezes, nada
disso é ensinado nas
Faculdades de Direito.

Tenho um recado importante
para juventude. Percebo que a
maioria dos jovens atua na base
da improvisação. São imediatistas,
não tem paciência, não
sabem o quanto é importante um
bom planejamento. Planejamento
exige tempo para pensar, avaliar,
repensar e decidir. Os jovens,
querem resolver tudo prá já.

Talvez o mundo da informática
dos últimos anos tenha contribuído
para que isso aconteça.

Contudo, volto a dizer que sem
planejamento é muito mais difícil
de se ter sucesso na vida.

Não desprezem a sabedoria e
a experiência dos mais velhos,
especialmente dos seus pais.

Todo filho que despreza e
maltrata seus pais não terá final
feliz. O bom entendimento entre
pai e filho produz felicidade e
realização para ambos. Meu
maior desejo como pai é de que
meus filhos sejam felizes”

**A vida é uma
incógnita**

Ignácio Dalcim

A vida é uma incógnita

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2017

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetoassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Biografia. -Passo Fundo: Pd.Berthier, 2013. 160p. :il., col.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

D138v Dalcim, Ignacio

A vida é uma incógnita [recurso eletrônico] / Ignacio Dalcim.

– Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2017.

7,5 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-304-3

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Zanatta, Arcide – Vida e costumes sociais. 2. Biografia – Advogados. I. Título.

CDU: 929

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

Apresentação	7
1- Retornando ao passado	9
2- Memórias de Arcide Zanatta	39
2.1- As origens	41
2.2- A passagem pelo Seminário	49
2.3- Vida nova em Corbélia e Cascavel	65
2.4- Os filhos	89
2.5- A doença da Vitalina	97
2.6- Andressa Gandra	103
2.7- Um grande amigo	109
2.8- Os últimos acontecimentos	111
2.9- As quatro tentativas de sequestro	123
2.10 - O sonho do primo Arcide	127
Concluindo	135
3- Outros fatos interessantes	139
3.1- O ‘Monte Grappa’ do vô Guerino	139
3.2- O relógio de ouro que não funcionava	143
3.3- Um pedido de adoção ‘rentável’	147
3.4- O promotor que acabou com o Maluf	151
Anexos	157
01 - A/C JUCENIR	
02 - A/C Sônia Zanatta	
03 - B.O. da última tentativa de sequestro.	

A vida é uma incógnita

Apresentação

Não sou nada especial, disso estou certo. Sou um homem comum, com pensamentos comuns e vivi uma vida comum. Tenho certeza de que, depois que eu partir deste mundo, não será construído nenhum monumento em minha homenagem e, em breve, o meu nome será esquecido.

Quem, porventura, tiver oportunidade de ler as páginas deste livro, verá que, de certa forma, é um relato parcial de minha vida. Não é tudo, mas abrange uma grande parte do caminho que eu escolhi trilhar. Verá que em certas ocasiões não existia outra opção senão aquela que tomei. Outros dirão que se parece com um desabafo e, não estarão de todo enganados.

Não tenho nenhuma queixa a fazer quanto ao meu percurso e aos lugares aonde ele me levou, mas, sobre certas coisas eu teria reclamações suficientes para encher muitas páginas. O caminho que escolhi tem sido sempre o certo, ao menos perante a minha consciência. Em certos casos, eu mesmo não gostaria que fosse de outro jeito. Disse ao primo Ignacio Dalcim - redator deste livro que será publicado sob minha inteira responsabilidade - que se tivesse que refazer a minha trajetória de vida, provavelmente tomaria as mesmas decisões que tomei no passado.

Quem sou eu? Já me aproximo dos 76 anos e a minha vida não é fácil de explicar. Não foi o mar de rosas que eu imaginava, mas também não comi o pão que o diabo amas-

sou. Diria que a vida é uma incógnita. Incógnita porque ninguém pode prever o futuro. Incógnita porque meu caminho foi cheio de surpresas, nem sempre tão bem vindas.

Desejo a você, leitor destas páginas, uma vida de muitas surpresas agradáveis e que, ao chegar ao fim do caminho, possa dizer: valeu a pena viver!

Arcide Zanatta

A vida é uma incógnita

1

Retornando ao passado

No dia 16 de outubro de 2012 acompanhei o primo Arcide Zanatta, advogado, e sua companheira Andressa Gandra, numa viagem de ‘retorno ao passado’.

Quando partimos de Passo Fundo o céu estava com poucas nuvens e aos poucos a luz do sol foi se intensificando, contrariando as previsões do dia anterior. Enquanto cruzávamos pela ‘Rota das Terras’ meu primo comentava a paisagem: “Esta região é maravilhosa! Será que estes trigais foram afetados pelas últimas geadas? Essa cor branca da palha do trigo, ao invés do amarelo, não me agrada”. Notícias dos dias seguintes davam conta de que o frio havia ceifado mais de 20% da safra de trigo daquela região.

Ao passarmos por Cruz Alta, terra natal do escritor Érico Veríssimo, o Arcide começou a lembrar dos tempos em que viajava de trem, de Passo Fundo a Santa Maria. Foi por estes trilhos que ele passara pela primeira vez em 1946, quando tinha apenas nove anos de idade.¹ E seu pensamento se concentrava agora naqueles tempos em que estava no Seminário de Vale Vêneto.

¹Poucos anos antes, 1943, meus pais Atílio Dalcin e Rosalina Deitos, recém-casados, percorreram o mesmo caminho indo morar com os pais de Arcide na capela de São Silvestre, interior de Tapejara. Certo dia, em viagem para Livramento/Rivera, minha mãe lembrava que, de Montenegro a Santa Maria, o trem parou 42 vezes. Naquele tempo tudo era devagar.

Com a palavra o Dr. Arcide:

- “Tudo começou em 1946, quando os padres Palotinos, após pregarem Missões Populares em Vila Teixeira, atual Tapejara, recolheram 12 meninos e os transportaram sobre um caminhão até Passo Fundo, onde embarcaram num trem rumando para Santa Maria. Entre eles estava eu, com apenas nove anos de idade. O destino dos ‘Doze Meninos’ era o Seminário de Vale Vêneto, a cerca de 50 quilômetros de Santa Maria. Mas, por estarmos em fins de novembro e as aulas só começarem em meados de fevereiro, no aguardo do tempo das aulas, tivemos que trabalhar na roça e no pomar do seminário.

No grupo dos Doze estava meu primo Gentil Zanatta, muito trabalhador, escolhido para ajudar na construção da Casa de Retiros. Quando lhe disseram que ele deveria permanecer em Santa Maria, ele protestou e disse que só ficaria trabalhando em Santa Maria se eu, seu primo e amigo, ficasse com ele. E assim aconteceu. Grande parte dos tijolos da construção da Casa de Retiros foi transportada, de carrinho, por nós dois. Eu e o primo Gentil também ajudamos a construir a Igrejinha de Nossa Senhora, Maria Três vezes Admirável.”

- - - - -

Era o começo de um tempo que haveria de deixar marcas indeléveis na personalidade do primogênito dos oito filhos dos tios Guerino Zanatta e Ledízia Deitos, que em 1938 partiram da Linha 19, interior de Carlos Barbosa, em busca de um futuro melhor. Em Tapejara tiveram mais sete filhos: Nelson (Tinho), Darci (Dáti), Nilvo (Nico), Oscar e Osmar (Gêmeos), Cleci e o Luiz. A única filha, Cleci, morreu afogada na fonte onde tentou pegar água, com um canequinho de alumínio. Tia Ledízia, sempre que

lembrava esta fatalidade, ficava possuída de uma tristeza imensa. O filho mais novo, Luiz, faleceu inesperadamente em Curitiba, após exercer o cargo de juiz por três anos. Era casado, mas não tinha filhos.

Arcide deixava para trás os irmãos, a mãe e o pai dono de uma daquelas serrarias movidas por caldeira a vapor, onde meu pai, Atílio Dalcin, era o responsável pelas juntas de bois que arrastavam as toras até o estaleiro. Apesar de eu ter vivido apenas por três anos neste ambiente, alguns fatos permanecem vivos em minha memória como, por exemplo, quando cai num riacho enquanto meu irmão Valdir e os primos mais velhos pescavam próximos de casa². O leito do riozinho estava cheio de águas turvas, consequência da chuva intensa da madrugada. Minha mãe, que lavava roupas nas proximidades e ao mesmo tempo nos observava preocupada como todas as mães, ficou ainda mais apreensiva, quando percebeu que eu me balançava num toco podre postado na beira do rio. Foi ela que por primeiro percebeu quando cai dentro d'água. Da. Rosalina agarrada na barranca do rio com uma mão, com a outra vasculhou as águas mais abaixo, até topar com um dos meus braços, e tirou-me para fora, vomitando a água turva do rio.

Lembro-me também daquele dia em que tia Ledízia me pegou no flagra, em cima da cerca de costaneiras, colhendo os figos maduros que, naquela semana, estavam reservados para ela fazer 'figada', conforme já haviam combinado as duas irmãs, tia Ledízia e minha mãe Rosalina.

Meu pai trabalhou durante sete anos na serraria do tio Guerino Zanatta e, depois, se transferiu sobre os 25 hectares que adquiriu nas proximidades da cidade de Tapejara.

² Durante os cinco anos em que meus pais, Atílio e Rosalina, trabalharam na serraria, tiveram três filhos e eu era o segundo: primeiro nasceu o Valdir e, depois de mim, o Nestor.



A antiga serraria de São Silvestre, vendo-se
ao centro o tio Guerino Zanatta.

O tio Guerino era um homem robusto, dotado de uma personalidade forte, mas ao mesmo tempo era brincalhão e, com frequência, era capaz de travessuras de criança. Todos o chamavam de “Guerão”. Gostava de desafiar as pessoas para qualquer coisa, como para uma luta corporal sobre a serragem ou apostas de tiro ao alvo. Lembro-me que certa vez chegou à serraria um negrão, conduzindo uma carreta de bois. Chovia muito e estavam todos reunidos para um breve descanso. O tio “Guera”, como era chamado por meu pai, logo começou a provocá-lo:

- Olha lá quem vem chegando. E caminhando em sua direção - Vai chegando nêgo véio, você não é de nada! E abraçando-o, olhou para o grupo e disse: Vocês sabiam que nego de pé tem cara de loco, sentado parece um toco e deitado é igual a um porco?

O nego Otávio, já velho conhecido de todos, depois de cumprimentar um por um, desafiou o tio Güera para

uma luta corporal. E em seguida os dois estavam rolando na serragem sob a torcida dos presentes. Todos a favor do ‘negão’, é claro. Lá pelas tantas o seu Otávio, sentindo-se em aperto, tacou-lhe os dentes na orelha do tio Guerino, que começou a gritar por socorro... Os dois se levantaram, bateram na roupa coberta de serragem, e se abraçaram. Os dois eram grandes amigos e gostavam destas brincadeiras, que nos deixavam sempre apreensivos e com medo.

Certo domingo de tarde se achegou por lá um vizinho chamado Armando Dametto. Ele retornava com a espingarda às costas, de uma caçada de pouco resultado. Então, meu tio começou a despezá-lo, perante todos os que por lá estavam tomando chimarrão:

- Armando, você não é de nada. Você não tem pontaria. Teus tiros só servem para assustar a caça! E, voltando-se para o grupo que os assistia, desafiou:

- Vocês querem ver? Vou jogar o meu chapéu novo pelo ar e, garanto a vocês, que ele não vai acertar um chumbinho sequer.

- Experimenta então! Retrucou o seu Armando, em tom mal-humorado.

E o tio, todo confiante, jogou o chapéu bem alto... Não deu outra. O chapéu de pano desceu como um trapo velho. Tio Guerino, boquiaberto, juntou o chapéu feito peneira e entrou na casa com cara de “se arrependimento matasse”.

Noutra oportunidade, quando eu já tinha uns cinco anos de idade, tio Guerino suspendeu os trabalhos na serraria e convidou todo mundo para uma pescaria. O riacho que percorria o potreiro do seu Domingos Baseggio, tinha alguns poços e a turma resolveu pescar com um pano feito de sacos de estopa. Alguns ficavam posicionados numa parte mais estreita do rio, enquanto os demais, com ramos de capoeira, iam tocando os peixes, num alvoroço danado. Em alguns lugares a água dava pelo pescoço. Eu e o

primo Darci ficamos no gramado assistindo. De repente, vejo o tio Guera empurrando meu pai debaixo d'água. Por alguns instantes ele sumiu, permanecendo apenas o seu chapéu boiando sobre as águas revoltas. Vendo aquilo, sai correndo a procura de alguma pedra para jogar no tio. Mas não foi preciso, em seguida meu pai subiu, colocando de volta o chapéu de pano, como se nada tivesse acontecido. E prosseguiu a animada pescaria, diversão apreciada por todos. Eu, com o primo Darci, éramos encarregados de manter os peixes dentro de duas latas. Ainda me lembro do quanto doeu a mordida daquela traíra, que fechou a boca inesperadamente, enquanto eu, com os dedos, testava o fio de seus dentes afiados. Castigo de menino curioso.

O tio Guera apelidou meu pai de 'escheneta' (costinha), porque, de tanto carregar tábuas e caibros na serraria, caminhava com um ombro mais baixo. Mas, deixemos essas histórias para mais tarde e voltemos à viagem de retorno aos tempos em que o primo Arcide viveu no Seminário de Vale Vêneto, ou seja, entre os anos de 1946 a 1951.

Agora estávamos cruzando pela cidade de Júlio de Castilhos e comentei com o primo:

- Passando por aqui, há quatro anos, naquele muro estava escrito o nome de uma candidata a vereadora chamada Vera Dalcin. Não sei se foi eleita, mas bem que eu gostaria de saber o que aconteceu com ela, talvez seja nossa parente!

À medida que nos aproximávamos da Serra da Boca do Monte o primo Arcide, comentava a transformação da paisagem e recordou de como eram necessárias duas máquinas para a descida do trem, uma à frente e outra atrás. Deixemos novamente a palavra com ele:

- "Depois de descermos a serra, quero que nos leve direto para a Capelinha de Schoenstatt. Foi naquela capeli-

nha que fiz os primeiros votos, ou seja, minha consagração a ‘Mãe Três Vezes Admirável’³.



O interior da Capelinha da Mãe Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável.

A Capelinha de Schoenstatt de Santa Maria, como milhares espalhadas pelo mundo, é um lugarzinho aconchegante, onde, permanentemente, algumas pessoas se colocam em sintonia com Deus, geralmente rezando em silêncio, diante do Santíssimo exposto. Foi assim que encontramos a ‘igrejinha’⁴: linda, aconchegante, silenciosa, com a porta encostada sim, mas convidando-nos para entrar.

³ A devoção à ‘Mãe Rainha Três Vezes Admirável’ começou na Alemanha, com o padre José Kentenich, que aos 8 anos de idade fora consagrado a Nossa Senhora por sua mãe, no ano de 1893. Hoje centenas de capelinhas semelhantes à de Santa Maria estão espalhadas pelo mundo todo.

⁴ Foi assim que a chamou minha filha Raquel ao avistá-la pela primeira vez, quando tinha apenas três anos de idade.



Ao desembarcamos de nosso automóvel, no estacionamento ao lado, o primo Arcide parou extasiado... Passados sessenta anos, ali estava ele, tentando refazer os passos daquele passado longínquo. Em respeitoso silêncio, imaginando o que se passava em sua mente, percebi que os seus olhos brilhavam de contentamento. Depois, emocionado, começou a recordar:

- “Está tudo muito lindo, muito parecido com o que eu imaginava. Com certeza muita coisa mudou, mas o essencial está aí. A Capelinha que ajudei a construir está aí no mesmo lugar. Foi ali que me consagrei a Nossa Senhora. Lá, mais para trás, está o prédio que eu e o primo Gentil ajudamos a construir.”

E o menino de outrora, recém-chegado, se perguntava: “Será que ainda hei de encontrar por aqui alguém daqueles velhos tempos?”

Por certo os tempos da ‘criança quase inocente’, não eram mais os mesmos. A criança que vive dentro da ‘gente grande’ não consegue disfarçar as traquinagens da juventude e a malícia dos adultos.



Arcide aos dois anos



Com a Andressa em Santa Maria

Entramos na Capelinha e nos colocamos de joelhos. Lá estava um pequeno grupo orante: duas jovens, um senhor de cabelos grisalhos e quatro religiosas com seus hábitos pretos. Todos compenetrados, tranquilos, em oração silenciosa. E logo, como que por um toque de mágica, embarcamos naquele clima de prece centrado no Senhor Jesus, o enviado do Pai, o filho de Maria por obra do Espírito Santo. Senti quão verdadeira é a afirmação do salmista: Como é agradável viver na tua casa, Senhor! Agradei por tudo, lembrei-me da Lena e da Raquel, dos meus pais, familiares e dos amigos que me acompanhavam. Tentei, em vão, adivinhar o que se passava na mente de meu primo Arcide. Com certeza Deus apreciou o seu retorno às origens da fé.

Depois de registrar com fotografias este reencontro com um passado distante, os bons tempos de guri, rumamos para a porta do outrora Seminário, agora Casa de Retiros sob a administração do Cursilho de Cristandade

de Santa Maria. No caminho o Arcide abordou uma jardineira, fazendo-lhe diversas perguntas sobre o paradeiro de alguns ex-professores e colegas, obtendo poucas respostas precisas. Contudo, ao perguntar sobre o padre João Quaini - com quem se encontrara em Roma na década de noventa, quando este estava no comando Geral da Congregação dos Palotinos - um largo sorriso aflorou naquele rosto descendente de europeus:

- “O padre Quaini está aqui na Casa de Retiros”, disse a jardineira de olhos azuis, natural de Nova Palma.

De fato a porteira, confirmando sua presença no ‘Seminário’, pediu que sentássemos e foi prontamente avisá-lo de que alguém muito especial o aguardava na sala de visitas.⁵



O padre João Quaini em Santa Maria

⁵O padre João Quaini, que a pouco tempo sofrera uma cirurgia para retirar um tumor que comprimia o cérebro, nos seus 82 anos, está bem lúcido e empenhado na escrita da História da presença dos Palotinos no Brasil, com início em Vale Vêneto, em 1896.

Foi um reencontro memorável, lembrando que fora o padre Quaini quem conduziu Arcide até a sepultura de São Vicente Palotti, às margens do Tibre, em Roma. E então o primo Arcide comentou:

- “Eu sempre fui muito devoto de São Vicente Palotti. Graças ao Pe. Quaini pude rezar junto à sepultura deste grande homem. O corpo de São Vicente Palotti, ainda intacto, está sob o altar da Capelinha construída no subsolo do Convento dos Palotinos, às margens do rio Tibre (Tevere)”.



Cama e cadeira de São Vicente Palotti em Roma

Mais tarde o Arcide me confidenciou que, naquela ocasião, os palotinos estavam pleiteando a beatificação de uma matrona romana, grande colaboradora e beneficente da Congregação nas suas origens. Esta senhora, de cujo nome o primo não lembra, teria sido uma pessoa que nunca ia para a igreja, não frequentava as missas, nunca teria comungado. No entanto, era uma pessoa de bem. O bem

realizado pelas pessoas não depende do grau de instrução e nem sequer da observância de normas religiosas em si.

Em seguida os dois passaram a trocar notícias sobre os ‘velhos tempos de seminário’. O padre Quaini pertencia à turma dos grandes e o Arcide à turma dos menores e, por isso, restavam poucas lembranças mútuas. Contudo, os dois conviveram com os mesmos mestres e, juntos, refizeram a história de alguns dos padres e colegas daqueles tempos, a maioria dos quais, por sinal, já viajou para o ‘último andar’.

Com um caloroso aperto de mãos e felizes pelo providencial reencontro, nos despedimos do padre João Quaini. Devagarinho, nos retiramos daquele ambiente sereno, acolhedor e de tantas recordações para o Arcide.

Antes de embarcarmos no carro seu Arcide, com os olhos brilhando de emoção, contemplou mais uma vez, demoradamente e em silêncio, o conjunto arquitetônico de tantas lembranças. Enquanto isso, eu refletia sobre esta capacidade extraordinária que a mente humana possui, ou seja, de reprisar o passado com a moldura do presente.

Estava concluído, assim, o primeiro capítulo desta aventura, onde juntos retornávamos ao passado de Arcide. Mas, o mais importante ainda estava por vir. O primo Arcide continuava inquieto e ansioso, o que ele mais queria era rever Vale Vêneto, local onde vivera seus gloriosos tempos de guri, como seminarista palotino.

Após reabastecer a RAV4 no posto de saída para o Camobi, partimos na direção leste pela BR 287. Cruzamos pelo Campus da UFSM e, 30 quilômetros adiante, dobramos à esquerda ziguezagueando pelo asfalto da RS 149. A Andressa admirava o caminho por entre plantações de arroz d’água, sempre costeando os montes da Serra Geral. Enquanto isso, o Dr. Arcide discorria animado sobre seu trabalho preferido: participar de Audiências Públicas:

- “É preciso ser rápido no raciocínio - dizia ele - e

testar situações aparentemente improváveis a fim de descobrir algum furo, algum vacilo das testemunhas... ou qualquer contradição da parte contrária. Gosto de Audiências porque elas nos colocam em situações limite, semelhantes a momentos decisivos de um jogo. Nos últimos anos eu não tinha mais disposição para enfrentar filas de espera no Fórum, até comparecer diante do juiz para resolver qualquer questão. O que me fascinava eram as Audiências Públicas. Trabalhei muito com audiências, quando era mais novo, quando tinha no mínimo uma Audiência por semana e às vezes até cinco por dia. E eu cobrava, em média, 80 mil reais por hora. Eu era rápido no gatilho, numa única vez recebi 120 mil reais.

Por diversas vezes fui contratado por colegas advogados ou por importantes escritórios de São Paulo. Certa vez fui contratado para defender um sujeito que tinha provocado um acidente, entrando indevidamente com seu automóvel na pista principal. Meu cliente não tinha razão porque a parte contrária estava na preferencial. Por isso, falei para meu cliente que iríamos perder o processo. O outro, que conduzia um carro importado, bateu e pedia uma indenização de R\$40.000,00. Durante a Audiência Pública, que era sumaríssima, consegui colocar as testemunhas em contradição, anulando-as por completo. O juiz concedeu uma pausa e propusemos um acerto de R\$20.000,00. Nesse meio tempo, percebi um aceno do juiz para que o oponente aceitasse a nossa oferta, mas este, certo de que estava na preferencial, não aceitou. Fiquei pensando: Aí deve ter algum furo, mas o que será? Nessas ocasiões é preciso imaginar todas as situações possíveis com muita rapidez. A única alternativa que me restava era verificar em nome de quem estava o carro. Após verificar os autos de quem moveu a ação, percebi que o mesmo só tinha recibo de propriedade, “não era parte legítima”. E com este

argumento ganhei a questão. Meu cliente ficou abismado e o seu oponente louco de furioso.

No meu Escritório de Assessoria Jurídica pegamos os processos dos que dão procedência para não enganarmos o cliente. E, por isso, vencemos a grande maioria dos processos. Nos últimos tempos nosso escritório tem tido um movimento invejável...”⁶

E assim, discorrendo sobre diferentes assuntos, chegamos a São João de Polênise, de onde tivemos que retornar alguns quilômetros para depois, em estrada de chão, ingressar pelo meio das montanhas.

- “Lembro-me - dizia o Arcide - que antes de chegar ao seminário se percorria uma grande descida, com muitas curvas, até se chegar ao povoado de Vale Vêneto. No meu tempo o seminário abrigava cerca de 200 jovens, divididos em duas turmas, eu pertencia ao grupo dos menores. Só podíamos visitar nossos familiares uma vez por ano e pelo tempo de apenas duas semanas, sendo que em alguns desses dias devíamos residir com o pároco. Meu pároco, o padre Raimundo Damin, era muito bom, mas na Casa Paroquial vivia também o padre Calogero Tortorici, de quem tive que lavar os pés.”⁷

Então perguntei ao primo Arcide como foi que decidira abandonar o Seminário e voltar para casa. E ele retomou a palavra:

- “Quando falei para o padre espiritual que não pretendia continuar no seminário, fui encaminhado para o reitor, que me perguntou de quanto dinheiro eu pre-

⁶Alguém poderia adivinhar que aquele menino, outrora carregado para o seminário de Vale Vêneto com apenas nove anos de idade, haveria de retornar, cinquenta e tantos anos depois, como um dos mais respeitados advogados de São Paulo?

⁷O padre Calogero Tortorici, natural da Sicília, Itália, era um padre muito severo. Foi o primeiro pároco de Marau (1920-1930) e faleceu em Tapejara em 1950.

cisava para voltar para casa. E como eu não sabia, ele telefonou para a rodoviária e entregou-me o necessário. Desisti do seminário porque me julgava incapaz de cumprir o sexto mandamento”.

De repente, surgiu diante de nossos olhos um vilarejo e o Arcide comentou:

- “Será este o Vale Vêneto? No meu tempo não era assim... Com certeza estamos chegando por outro caminho. Naquele tempo a gente chegava passando por Silveira Martins”.

De fato, depois nos confirmaram que a principal estrada de chegada era do outro lado, descendo o morro que a memória do Arcide registrara.



E o primo Arcide retomou a palavra:

- “Lá está a Igreja... Aquele é o seminário! Não parece mais o mesmo. Naquele tempo parecia tudo muito maior! Aqui na frente tinha o lojão do Piveta, onde se encontrava de tudo um pouco, era um armazém de secos e molhados. Estamos chegando pelos fundos do Seminário... Está tudo vazio... Será que vou encontrar algum conhecido?”

E o primo Arcide, com certa dificuldade, tentava adaptar as antigas imagens retidas pela memória, àquelas que seus olhos contemplavam no presente.

Ao ingressarmos pela rua calçada, que dá acesso às

canchas de esporte e ao pomar do Seminário, avistamos um velhinho a empurrar um carrinho de mão, com um grande chapéu de palha na cabeça. Era o padre Carlos Bonfiglio Stefanello, natural de Nova Palma, perfeitamente lúcido, nos seus 85 anos de idade, dez a mais do que o Arcide. Encontramos a pessoa certa, na hora certa, para responder as mil perguntas do primo Arcide.

E enquanto eles começaram a desfilar dezenas de nomes de antigos colegas e professores, recordando fatos pitorescos do início da década dos anos cinquenta, eu perambulei pelos arredores. Bebi água na bica de ‘madeira fossilizada’ junto à gruta; imaginei os campos de futebol e demais quadras de esporte cheias de meninos e moços seminaristas, como se fosse nos velhos tempos. Ah, se essas pedras e árvores falassem, com certeza, contariam muitas histórias curiosas e interessantes.

E o Arcide e o padre Carlos continuavam relembando os fatos marcantes de suas passagens pelo seminário, como daquela vez em que o Arcide foi pego com os bolsos cheios de jabuticabas e, como castigo, teve que permanecer ajoelhado por meia hora na presença de todos, com as jabuticabas colocadas a sua frente.

E o seu Arcide continuou falando:

- “Naqueles tempos, parte das travessuras dos meninos girava em torno de comida, por sinal, bastante escassa. Todos recebiam a mesma porção, no entanto uns eram mais vorazes do que outros e, por isso aconteciam negociações e por vezes assaltos ao pomar. Não era fácil! Durante a maior parte do ano só se comia feijão, arroz e polenta com radice. Lembro que eu não comia ricota, de jeito nenhum, porque me parecia que tinha gosto de defunto (a pastagem com o qual as vacas eram alimentadas ficava junto ao cemitério). Passava-se o ano todo sem um tostão no bolso. Até os 18 anos só tomei duas gasosas (refri).

Vivi seis anos neste Seminário e por fim, criei coragem e disse para meus superiores que não queria mais estudar para ser padre. Queria casar. Poucos dias depois me embarcaram de volta para casa. Foi um alívio!

Os estudos que realizávamos no Seminário não eram reconhecidos oficialmente. Por isso, através dos Irmãos Maristas, aqui do Colégio Conceição de Passo Fundo, onde permaneci estudando por 6 meses, consegui prestar exames em Santa Maria. Em Santa Maria, para não ter que pagar as despesas de estadia, trabalhava na Escola dos Palotinos, onde recebi cama e mesa. Depois de prestados os exames e ser aprovado, consegui legalizar meus estudos do Curso Científico, equivalentes ao 2º Grau daquele tempo.”

Com a palavra o padre Carlos Stefanello:

- “O seminário Rainha dos Apóstolos continua em bom estado de conservação, porém, não existem mais seminaristas. Por aqui, durante décadas passaram centenas de jovens, dos quais dois ou três por cento se tornaram sacerdotes. Os primeiros imigrantes italianos chegados nesta região, no final da década de 1870, eram acolhidos inicialmente em Silveira Martins, que funcionava como ‘acampamento’ para posterior redistribuição nas colônias.

Em 1878, Paulo Bortuluzzi, procedente de Silveira Martins, chegava como primeiro morador de Vale Vêneto e, já, no ano seguinte, era celebrada a primeira missa neste lugar. Logo que por aqui se estabeleceram as primeiras famílias de imigrantes italianos, eles sentiram a falta de um padre para presidir regularmente os ofícios religiosos, como a celebração dos batizados, casamentos, enterro e, sobretudo da celebração da Missa. Daí, porque, alguns anos mais tarde, foram chamados os Padres Palotinos. Os Palotinos se fixaram em definitivo a partir de 1896, deixando sua marca indelével neste vale colonizado por italianos provenientes do Vêneto, nordeste da Itália.”



Lá pelas tantas se juntou ao nosso grupo a irmã Te-rezinha Schneider, beirando os 70 anos, mas bem jovial, animada, pessoa que adora viajar. Disse que já esteve em Marau visitando o veterinário Dorival Dorigon, que também passou por este seminário.



Quase uma hora depois de muitas recordações o padre Carlos, dirigindo-se a nós e em especial ao Arcide, disse:



- “Vamos visitar os seus professores”.

E, lentamente, fomos descendo o caminho que conduz ao Cemitério dos padres Palotinos, contíguo ao Cemitério da comunidade de Vale Vêneto.

O cemitério está situado num terreno bastante inclinado. À direita de quem chega estão as ‘casinhas’ ou sepulturas dos leigos e à esquerda, num gramado em três patamares, as cruces de granito preto identificando os padres que ali foram sepultados. Cada uma das 102 cruces traz uma foto no centro e o nome de cada sacerdote com data de nascimento e morte.

- “Este, provavelmente será o meu lugar”, disse o padre Carlos, apontando para o lado da última sepultura, ainda com flores murchando.

- “Aqui está o meu antigo professor de música”, disse o Arcide apontando para a cruz do padre Jorge Zanchi “e ali a dos padres Artur Soldera, do Belino Costa Beber e do irmão Odone Milanese”.



Enquanto eu e a Andressa contemplávamos os dois caminhando por entre as cruzes, comentamos: “Isto aqui é um exemplo de como as pessoas surgem e desaparecem à medida que o tempo passa”, disse a Andressa. “Ou como nós passamos pelo tempo”, acrescentei eu.

- “Aqui não estão sepultados todos os padres palotinos que passaram pelo seminário de Vale Vêneto”, comentou o padre Carlos, citando em seguida o nome de diversos que se tornaram diocesanos ou foram sepultados em outros locais por este Brasil a fora.

-- -- -- -- --

O Arcide estudou contemporaneamente aos irmãos gêmeos Daniel e Abraão Cargnin, famosos por terem sido os primeiros a descobrir em Candelária fósseis da época dos dinossauros, a mais de 200 mil anos. Lembro que na década de setenta, enquanto nos hospedávamos no Seminário Nossa Senhora da Conceição em Viamão, o Daniel Cargnin, além de frequentar o Instituto de Teologia na PU-

CRS, também fora contratado pela UFRGS para dirigir os trabalhos de escavação e seleção de material fóssil da região de Candelária e da Mata, próximos de Santa Maria. Alguns colegas do Arcide se tornaram famosos a nível nacional, como os três irmãos padres Lauro, Irineu e Armindo Trevisan. O Irineu – lembrou o primo Arcide - era bom no futebol, o time profissional de Santa Maria daquele tempo vinha buscá-lo para jogar com eles. O padre Irineu Simon, irmão de Dom Pedro Ercílio Simon, que atualmente é pároco na igreja de Fátima, aqui em Passo Fundo, dormia na cama ao meu lado.⁸ O Celeste Rovani, primo da Vitalina, que atuou como juiz em Caxias do Sul e posteriormente como desembargador em Porto Alegre, foi presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul, hoje aposentado, sua mulher está em coma há vários anos, com a mesma doença da Vitalina.

Em meio às recordações do passado do Arcide, sua companheira Andressa acompanhava tudo mergulhando num passado totalmente estranho e desconhecido. Andressa, natural de uma região próxima de Maringá, viveu a maior parte de sua vida na tumultuada e populosa São Paulo, mais precisamente em Diadema, tendo sido colega de sala de aula do atual prefeito, eleito no último pleito pelo PV, Lauro Michels, após trinta anos de hegemonia do PT. O mundo vivido pelo Arcide e pela Andressa, tanto em suas origens, como de percurso, são bastante diferentes e ambos têm que se esforçar em dobro para se entenderem. Felizmente a amizade e o amor têm a capacidade extraordinária de superar qualquer barreira.

Por fim, chegou o momento da despedida. Agradecemos ao padre Carlos Stefanello que nos acolheu como um

⁸Posteriormente a esta data, tive ocasião de acompanhar o Arcide numa visita ao padre Irineu Simon, ocasião em que o mesmo lembrou o apelido que o primo tinha no seminário: “petiço”, devido a sua baixa estatura.

anjo enviado por Deus. Ficamos deveras encantados com a simplicidade e hospitalidade deste servo do Povo de Deus. Seu olhar sereno esbanja bondade e nos fez sentir as delícias da genuína caridade cristã. Como é bom nos sentir irmãos!

Com um abraço afetuoso e um até logo, conscientes de que esta nossa despedida poderia ser também um 'até breve' - ou seja, o último encontro antes do reencontro definitivo na casa do Pai - embarcamos em nosso carro e partimos satisfeitos.



Por volta das 17 horas do horário de verão, lançamos um último olhar às dependências do Seminário vazio, o pomar e suas canchas de esporte silenciosas. Depois de um último olhar panorâmico ao simpático vilarejo situado em meio ao verde das montanhas, pegamos a mesma estrada que à quase sessenta anos trouxera o Arcide a estas paragens.

A subida é de fato longa, íngreme, e de muitas curvas, bem como o Arcide dissera. Em frente à gruta, postada no meio do percurso da subida, realizamos uma parada e, sem descermos do carro, fizemos uma prece a Mãe de Jesus e nossa mãe. Era mais ou menos a hora do Ângelus.

Depois prosseguimos na direção de Silveira Martins. Viajamos, primeiro por uma espécie de planalto e, depois, descemos a Serra Geral na direção de Santa Maria. Pouco adiante de Arroio do Meio, deixamos o asfalto e seguimos por uma estradinha à esquerda, percurso de uns 800 metros, até chegarmos junto à capelinha que abriga a famosa imagem de nossa Senhora do Rosário dos Imigrantes, trazida da Itália no ano de 1885, conforme placa do centenário, colocada na parede ao lado da porta de entrada da igreja.



Eu já tinha estado por aqui com meus pais, em 1994, realizando o desejo de seu Atílio, que pretendia conhecer esta famosa imagem companheira de viagem de Giovanni Batista Dal Cin⁹, meu bisavô.



Placa comemorativa do Centenário da Chegada da imagem de N. S. do Rosário – Arroio do Meio

Segundo relato dos que viajavam no navio “Righe”, que partira de Gênova, em 1885, com mais de 800 imigrantes, depois de uma semana de viagem, no meio de uma tempestade o fogo se alastrou pelo armazém. Diante da dificuldade de debelar as chamas e do perigo iminente de naufrágio, todos começaram a rezar o terço e, milagrosamente, o fogo cessou. Cessou justamente quando começava a queimar a caixa na qual se encontrava a imagem de Nossa Senhora do Rosário, hoje conhecida como “La Madonna dei Migranti”. A bela imagem é de estilo rococó: as partes visíveis do corpo, como o rosto e as mãos, aparecem

⁹Na Itália, assim como no Brasil, o nosso sobrenome foi sendo escrito de diferentes formas: Dalcin, Dalcim, Dalsim. Atualmente na Itália vigora a escrita Dal Cin.

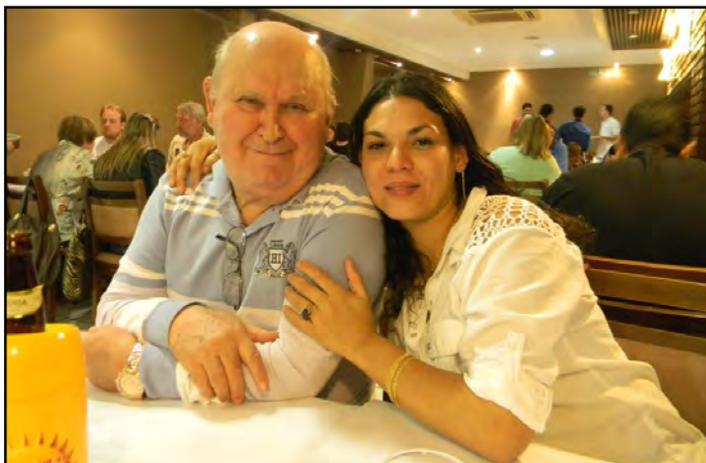
artisticamente entalhadas em madeira pintada e, o restante, em madeira rústica, é coberta pelo vestuário. A encomenda e o transporte desta imagem se devem às famílias Serafini e Lonero, cujos descendentes se espalharam pelo Brasil.

Ao lado da capelinha, hoje circundada por arrozais d'água, existem três túmulos, onde estão sepultadas pessoas das famílias Baldissera e Berleze. A festa della “Madonna dei Migranti” acontece sempre em meados de outubro, por isso, no dia em que lá estávamos a histórica imagem se encontrava na Matriz, de onde provavelmente partiria em procissão característica para os festejos.

Depois de algumas fotos, prosseguimos nossa viagem, enquanto o sol se despidia no horizonte.

Ao chegarmos a Santa Maria rumamos direto para o hotel Appel, onde em 2011 nos hospedamos juntamente com a família do compadre e cunhado Gilmar Zanella e Neiva Pascoal Zanella. Antes de repousar fomos até o centro da cidade e jantamos fartamente no restaurante Churrasquito, tudo por conta do primo rico.

No dia seguinte, acordamos cedo e, após o café, partimos para Mata. A cidade de Mata fica a 90 quilômetros na direção oeste de Santa Maria e é conhecida mundialmente pelos restos de árvores fossilizadas que por lá são abundantes. Foi a partir da década de setenta, com os trabalhos e divulgação do padre Daniel Cargnin, que a cidade se tornou célebre no mundo científico da paleontologia.



Arcide e Andressa no restaurante Churrasquito

Logo depois de se deixar a BR 287, sobre a RS 532, se encontra o Portal do Dinossauro, assim popularizado devido ao dinossauro que construíram sob uma cobertura. Desde a BR até a cidade são apenas 12 quilômetros de distância.



Praça com árvores fósseis

Já na entrada da cidade existe uma praça toda calçada com pedaços de árvores fossilizadas e troncos colocados de pé. Mais adiante, seguindo pela rua da direita, chega-se a outra praça onde foram juntados os pedaços de uma grande árvore petrificada.



Árvores fossilizadas em Mata – RS

Quem visita Mata não pode deixar de visitar o Museu Paleontológico que leva o nome do seu fundador e organizador, Daniel Cargnin. As peças principais da família dos dinossauros encontradas pelo padre paleontólogo estão hoje no Museu Paleontológico da UFRGS em Porto Alegre. Porém, aqui também se encontram algumas peças significativas, que vale a pena conferir. Ali adquirimos também o ingresso para acesso no campo dos troncos ou museu ao ar livre, também muito interessante. No posto de abastecimento, casualmente nos encontramos com aquele que foi o braço direito do padre Daniel na coleta das árvores fossilizadas, um senhor de meia idade, muito animado.

Ele falou com muito orgulho dos tempos em que realizara este serviço, como secretário de obras da prefeitura municipal de Mata. Para aqueles que se proclamam defensores do ‘in natura’, Daniel e seus colaboradores depredaram a natureza. Esquecem de considerar que esta iniciativa, na época vista com desconfiança, salvou muitas peças de um total transformação em alicerces de casas, galpões e paredes de chiqueiros. Diria que é muito fácil criticar o trabalho realizado pelos nossos antepassados quando se observa com os óculos da mentalidade presente. “Cada um vê as coisas do seu ponto de vista”.

Os irmãos Cargnin merecem nosso respeito e reconhecimento pelo destaque e valorização que souberam dar para “estes fósseis” em tempos quando ninguém os valorizava. E os irmãos Cargnin o fizeram quase que por puro instinto, mais por intuição do que por estudo em salas de aula.

Saciados por este retorno ao tempo dos dinossauros, partimos de regresso a Passo Fundo e Marau, onde tinha gente nos esperando.

Um pouco adiante de Itaára o Arcide comprou dois leões com a intenção de colocá-los no portal de entrada de sua casa.

Enquanto almoçávamos no restaurante do hotel próximo ao trevo de entrada de Júlio de Castilhos, fiquei sabendo que nas recentes eleições, a antiga candidata a vereadora Vera Dalcin, fora escolhida como prefeita do município. As mulheres que nos serviam mostravam-se muito contentes e fizeram questão de me passar alguns jornais que falavam de sua vitória. Em pensamento lhe desejei sucesso. Júlio de Castilhos, outrora domínio absoluto de grandes proprietários de origem portuguesa, como testemunham as sepulturas faraônicas semi-abandonadas do Cemitério Municipal, é agora governada por uma filha de

imigrantes italianos. Se Érico Veríssimo estivesse vivo, com certeza incluiria o fato em seus romances panorâmicos de nossa história.

Nossa última parada foi para comprar umas cucas no restaurante e quiosque Rota das Terras, entre Ibirubá e Selbac.

Ao chegarmos a Passo Fundo o primo Arcide pediu que encostasse o carro num posto de reabastecimento e assim, todas as despesas correram por sua conta. Descarregados os 'leões de São Marcos' - guardiões do portão de entrada da casa do primo Arcide - nos despedimos com um forte abraço, na certeza de que este 'retorno ao passado' foi uma experiência singular que aumentou em nós a disposição de viver intensamente o presente.

Um dos resultados desta viagem foi a decisão de escrever as memórias de Arcide Zanatta.

A vida é uma incógnita

2

Memórias de Arcide Zanatta

Nessas ocasiões, bem que eu gostaria de poder contar com a sabedoria universal e descomprometida de um Luiz Fernando Veríssimo. Confesso que me bastaria um pouco da genialidade de um David Coimbra, que, como craque da escrita, ao falar do presente nos joga no passado. De qualquer forma é bom saber que este não é um livro de ‘memórias’ propriamente dito, como poderia sugerir o título acima. É, sim, apenas o resultado de conversas que mantive com meu primo nos esporádicos encontros, que tivemos nestes últimos meses.

O título original era para ser ‘Retornando ao passado’, mas, por sugestão do personagem central destas memórias, mudamos para ‘A vida é uma incógnita’. E, de fato, mesmo que a vida de Arcide não se resume a estas páginas, ela foi cheia de surpresas, justificando o título escolhido.

Vivi meus três primeiros anos de vida bem próximo da casa do tio Guerino Zanatta, pai do Arcide, e sempre tive curiosidade de saber algo mais sobre os tempos de nossa infância remota. Digo remota por que lembro pouca coisa, apenas alguns fatos ficaram registrados na minha memória de menino. Além daquilo que já mencionei acima, ou seja, de minha queda no rio, lembro da carreta que, depois que abri o breque, disparou morro abaixo passando por cima da barriga de meu irmão Valdir e de seu precioso carrinho de folhas de flandres. Lembro também dos passeios pelo

potreiro ou, como diziam, pela invernada do gado, alguns, por sinal, com seus chifres longos, assoprões, saltos e galopes repentinos nos metiam medo. Apesar do perigo das picadas de cobras e de tudo, não resistíamos à busca por frutinhas do mato como pitangas, cerejas, guabiobas, sete capotas, ariticum e outras das, quais ainda sinto o perfume.

Depois que o Nestor nasceu meu pai deixou de trabalhar como empregado na serraria dos Zanatta e passou a trabalhar como agricultor sobre os 25 hectares comprados nas proximidades da Vila Teixeira, hoje gloriosa Tapejara. De quando em vez nossas famílias se reencontravam através de visitas mútuas e de festejos na capela de Santo Isidoro ou de São Silvestre.

Certo dia o primo Arcide, tendo nos visitado, resolveu me levar na garupa de seu petiço para a casa dos tios Guera e Chicha (Guerino e Ledizia). O primo foi sempre muito arrojado, não tinha medo de nada. Lá pelas tantas apontou numa curva da estrada de chão-batido, um caminhão cabine azul carregado de toras de araucárias. E apesar do caminhão vir se aproximando perigosamente de nossa montaria, o primo Arcide continuava a instigar o petiço a correr na frente do caminhão. E assim foi pelo máximo do tempo possível. Quando o caminhão estava a dois metros da traseira do nosso petiço o motorista apertou na buzina e o primo, lançou nossa montaria para o meio de um mandioccal, continuando a correr até baixar a poeira vermelha. Caminhão, naquele tempo, era tão raro como helicóptero descer numa estrada do nosso interior.

A vida é uma incógnita

2.1 - As origens

Meu primo Arcide nasceu em Carlos Barbosa, no dia 3 de outubro de 1937. Filho de Guerino Zanatta e Ledizia (Letícia) Maria Deitos Zanatta, com apenas um ano de vida viajou de carreta com seus pais, até o interior de Tapejara. A viagem durou oito dias e o bebe Arcide passou a maior parte do tempo dentro de uma caixa de madeira postada sobre as tesouras do breque da carreta de bois, com certeza, sempre sob o olhar cuidadoso da mãe que o acompanhava a pé. Sobre a carreta, podemos imaginar toda a mudança de mais uma família, que se deslocava para o interior do Rio Grande do Sul em busca de melhores oportunidades de vida: o tio Guerino na frente puxando os bois na subida, a tia Lidizia atrás, controlando o breque nas descidas. Poucas vezes o casal se dava ao luxo de viajar embarcado.

O itinerário foi mais ou menos o da estrada que passa por Garibaldi, Bento Gonçalves, Veranópolis¹⁰, Nova Prata, Maragata, Muliterno, Cruzaltinha, Santa Cecília e Vila Teixeira.¹¹

¹⁰Para atravessar o rio das Antas não existia ainda a bela ponte sustentada por arcos, sobre os quais alguns cruzam a pé, como eu já fiz algumas vezes.

¹¹Quando minha família mudou de Tapejara para Ibiraiaras, na década de cinquenta, acompanhando meu pai com a primeira parte de nossos pertences - duas vacas, um terneiro, um cavalo e a junta de bois que puxavam a carreta – também refiz parte deste trajeto no sentido inverso. Foram dois dias inesquecíveis. Eu já tinha sete anos

Por um ano moraram em Vista Alegre e depois em São Silvestre. Sempre sobre as terras do vô Guerino Zanatta, casado com Graziota Colastica com quem teve 12 filhos: Gabriel, Fioravante, Júlio, Augusto, Mabile, Luiza, Carmelina, Pedro, Ricieri, Valdemar, Guerino e Valentim¹². Quando o vô do seu Arcide, seu Guerino Zanatta veio para colonizar estas terras, a Vila Teixeira, futura Tapejara, era composta por apenas meia dúzia de casas.

De agora em diante passo a palavra para aquele que melhor conhece a história de sua família. Com a palavra o Dr. Arcide Zanatta:

- “Meus pais, Guerino e Ledizia, moraram inicialmente nas proximidades da residência do senhor Domingos Ungaratto, a 2,5 kms da Capela de São Silvestre. Foi na escolinha desta comunidade que iniciei meus estudos. Fui alfabetizado pela professora Leonora Dalmina, irmã do Alfredo, gerente da Serraria onde meu pai trabalhava.

e papai me levou para controlar o breque. Lembro de que passamos por Santa Cecília, onde entrou água na carreta ao atravessamos o rio Santo Antônio; pousamos numa fazenda próxima de Muliterno, onde tomei “Camargo” – café quente e doce com leite direto do teto da vaca. Cruzamos por São José do Carreiro no entardecer e antes da noite nos alojamos na casa do João Baldasso na beira do “Matão dos Telles”.

¹²Ledízia é filha de Ricardo Deitos e Maria Giordani, irmã de Adelino, Olívio, Abílio, Rosalina, Irineu, Clementina, Roberto, Ermelindo, Lourdes, Ermelindo e Tarcilia. Ledízia tem 97 anos e vive na cidade de Cascavel. Hoje, ainda vivem: os tios Irineu e Ermelindo, em Carlos Barbosa; o tio Aristides em Irvine, proximidades de Los Angeles; e as tias Lourdes e Tarcilia em Capão Bonito do Sul.



A Capelinha de São Silvestre

Naquele tempo não existiam as facilidades e a abundância de hoje. Cada aluno levava para a escola apenas a ‘lousa’, onde se aprendia a escrever, a fazer contas e onde também eram anotados os temas. A escola ficava a quase três quilômetros de nossa casa e eu seguia sempre de pés descalços, mesmo nos dias em que a estrada se cobria de geada. Parece que naqueles tempos fazia mais frio, às vezes a estrada ficava coberta com cinco centímetros de gelo, sobre o qual, nas nossas travessuras de guri, deslizávamos levando aqueles tombos. Quebrei três ‘lousa’ durante minha vida de estudante primário. A segunda professora, Catarina Borba, ainda vive em Tapejara, tem 98 anos de idade.”

As seis serrarias do vô Guerino Zanatta estavam localizadas em Vista Alegre, São Silvestre, Santo Isidoro Basseggio e Santana. O vô Guerino tinha recebido tudo do governo do Estado, que concedia essas terras, cobertas de araucárias, com a finalidade de que fossem colonizadas. Derrubavam-se as araucárias, aproveitando apenas as torras sem nós – geralmente três torras de cinco metros - e o restante o fogo consumia para tornar possível o plantio de milho, abóbora, trigo, arroz, amendoim e mandioca. Naquele tempo, os campos - hoje cobertos de trigo, milho e soja - eram vistos como terras impróprias para a agricultura, ‘terras de barba-de-bode’. Com o avanço tecnológico, correção e adubos, os campos do Planalto Médio se tornaram terras de fartura, fontes de riqueza.

Naquele tempo o deslocamento entre uma serraria e outra era muito difícil. Por exemplo, para percorrer o ‘caminho’ entre Vista Alegre e Santo Isidoro, que era de apenas 15 kms, demorava-se quase um dia inteiro. Não existiam nem picadas para se passar a cavalo, quem andava à cavalo tinha que contornar as árvores tombadas ou de pé. As primeiras estradas foram sendo construídas aos poucos, sem planejamento, nem sempre procurando encurtar distâncias, mas simplesmente seguindo o mais plano possível, pois tudo era puxado por bois. A madeira era transportada em carretas até Coxilha, onde era embarcada em trens. Por isso, os doze filhos do vô Guerino, visitavam-se pouco, às vezes passavam até dois anos sem se encontrarem.

O vô Guerino depositava todas as ‘reservas’ – lucros da extração da madeira - no Silvio Ughini, maior comerciante de Vila Teixeira (Tapejara), sendo que estas economias foram divididas entre os seus filhos somente após a sua morte. Porém, ainda em vida, o vô passou para o nome de cada um dos filhos 30 alqueires de terra (1939). (75 hectares = três colônias).

O curioso foi que o vô Guerino, quando encaminhou as Escrituras, registrou uma delas com o apelido do último filho: ao invés de registrar em nome de Valdemar Zanatta, registrou em nome de Marino Zanatta, como era conhecido por todos. Por isso, mais tarde, a fim de solucionar o problema, o tio Valdemar registrou um dos filhos com o nome de Marino Zanatta.

Dentre os muitos fatos acontecidos no meu tempo de guri se destaca um que tem como personagem principal o tal de Noé. Minha memória guarda bem viva a imagem daquele homenzarrão barbudo, sempre calçando botas pretas de cano alto, que amedrontava as crianças toda vez que chegava estalando seu relho. Quando ele chegava lá em casa, tratávamos de nos esconder o quanto antes, às vezes debaixo das camas. Até os grandes tinham medo do seu Noé Bragagnolo.

Num dia de muita chuva e escuridão, devido às espessas nuvens que escondiam o sol, chegaram lá em casa dois sujeitos a cavalo. Suas capas escondiam a farda de policiais. Um deles chegou perguntando:

- Quem é que mora nesta casa?

- Sou eu mesmo, Guerino Zanatta, trabalho aqui na serraria, respondeu meu pai.

E o policial, percebendo que meu pai falava português, perguntou pela minha mãe. Meu pai, receoso, pois sabia que minha mãe não falava bem o português, respondeu que estava no vizinho. Enquanto isso, eu e minha mãe estávamos quietinhos atrás da porta. Naqueles anos da IIª Guerra Mundial todos os descendentes de italianos e alemães eram suspeitos.

Em seguida o outro policial perguntou para meu pai:

- Você conhece o Noé Bragagnolo?

- Conheço, sim. Respondeu prontamente meu pai.

- Então pega o teu cavalo e nos leva até a casa dele.

Meu pai fechou a porta, chegou prá perto de mim e disse: Você vem comigo. Pegou o cavalo e no galpão, enquanto os policiais aguardavam na frente de nossa casa, meu pai me colocou na garupa e me cobriu com a capa. Chegamos junto aos policiais e seguimos viagem debaixo da chuva que havia aumentado. Eu não via nada, seguia agarrado ao meu pai, debaixo da capa escura, ouvindo a conversa deles.

Chegando já próximos da casa do seu Noé, meu pai, que também tinha medo daquele sujeito esquisito, tentou despistar dizendo aos policiais.

- Lá está a casa do seu Noé. Posso voltar?

- Não mesmo. Nós não o conhecemos. Venha conosco, pois não queremos prender a pessoa errada.

Chegando próximos da casa os cachorros vieram ao nosso encontro de pelo irçado e latindo raivosos, avisando o seu dono. Seu Noé abriu a porta, saiu na varanda e começou a blasfemar:

- Dio cane. Che béstie sono questi che me hai portá quá?

Os policiais, cobertos por suas capas pretas, não tinham sido reconhecidos como tal e o seu Noé, que continuava a esbravejar impropérios, não tinha se dado conta do perigo. Então um dos policiais começou a conversar com o seu Bragagnolo e, percebendo que só sabia falar em italiano, levantando a capa, mostrou sua identidade e intimou:

- Seu Noé, arruma o seu cavalo e vamos para a Vila. O senhor está preso.

Esta não foi a primeira vez que andei na garupa com o meu pai. Também andava com minha mãe. Às vezes montávamos em três e até quatro crianças num mesmo cavalo.

Quando nos mudamos para a 3ª serraria, nos primei-

ros tempos vivíamos debaixo de uma barraca postada entre pinheiros. Lembro-me de que, logo nos primeiros dias em que lá estávamos, ao buscar água na sanga levei um baita susto: topei com uma cobra d'água e voltei correndo para casa aos gritos”.

A vida é uma incógnita

2.2 - A passagem pelo seminário

“Em 1946 os padres palotinos, como já foi lembrado anteriormente, pregaram Missões em toda a paróquia Nossa Senhora da Saúde de Tapejara. Naquele tempo os missionários vinham até a Capela e ficavam alguns dias morando com a gente. Ninguém mais trabalhava. Todo mundo ia para a igreja escutar o missionário, no caso a Capela de São Silvestre. Os homens de um lado e as mulheres do outro. Seus sermões abordavam temas diversos, mas o que mais marcava era a abordagem sobre os Mandamentos da Lei de Deus e da Igreja.

Os missionários eram especialistas em amedrontar a gente com histórias sobre o diabo e os horrores do inferno. Ninguém queria ir pro inferno, todos queriam ir para céu, é claro. As missões eram uma espécie de ‘ano sabático’, onde todo mundo procurava fazer as pazes com quem estava intrigado e, nos primeiros tempos era uma maravilha. Até as putas passavam fome.

Durante as visitas às Capelas os padres foram anotando o nome dos guris que se empolgavam com a ideia de ir para o Seminário. O Seminário era descrito como um lugar que concentrava muitos meninos, lugar de muito estudo, oração e jogo de futebol. Parecia um lugar reinava muita diversão, pouco trabalho, em fim, um lugar de muita felicidade, bem parecido com o paraíso.

Então eu também criei coragem e dei o meu nome¹³. E não é que fui um dos convocados! Em fins de novembro daquele mesmo ano, dois padres voltaram e selecionaram doze meninos para o Seminário de Vale Vêneto, como já relatei anteriormente. Quando vi, não tinha mais volta. O número doze recordava os Doze Apóstolos.

Passei seis anos no Seminário de Vale Vêneto. Por fim, criei coragem e disse para meus superiores que não queria mais estudar para padre. Queria casar. Poucos dias depois me embarcaram de volta para casa. Foi um alívio.

Os estudos que realizávamos no Seminário não eram reconhecidos oficialmente. Por isso, através dos Irmãos Maristas, aqui do Colégio Conceição de Passo Fundo, onde permaneci estudando por seis meses, consegui prestar exames probatórios em Santa Maria. Em Santa Maria, para não ter que pagar as despesas de estadia, trabalhava na Escola dos Palotinos, onde recebi cama e mesa. Depois de prestados os exames e ser aprovado, consegui legalizar meus estudos equivalentes ao 2º Grau daquele tempo.

Depois, cheguei à idade de prestar o Serviço Militar e fui enviado para Santana do Livramento. Mas ainda antes, com apenas dezesseis anos e meio, já namorava a Vitalina, filha de Maria Rossi e do Carlão Miorando, irmão da mãe do médico Dr. Jair Tognon, meu sobrinho¹⁴. Atualmente a maioria dos Rossi vive na região de Sananduva. A família dos Miorando, na Itália Miorandi, é oriunda de

¹³Quando eu já era seminarista, lembro que certa vez, fui convidado pelo meu pároco, frei Elói Rossetti, a acompanhar o bispo de Vacaria, Dom Augusto Petró, até a capela de Santa Lúcia, no interior de Ibiraiaras. Antes da bênção, Dom Augusto se dirigiu às crianças e jovens que lá estavam descrevendo o seminário como um local tão bom, que até duas meninas levantaram a mão. Dentre os 14 meninos que levantaram a mão estava o futuro Pe. Ilírio Guadagnin.

¹⁴O Dr. Jair, médico de reconhecida competência em Tapejara e região, irmão do falecido frei Ari Tognon, falecido tragicamente em Marau, quando participava de um jogo de vôlei no Salão Frei Gentil, foi o primeiro proprietário da casa em que atualmente reside o Dr. Arcide atualmente.

Castellano, um pouco acima de Lagarina, próximo de Rovereto, região do Trentino. O bisavô da Vitalina veio para o Brasil com vinte anos de idade. O Frei Silvino Miorando realizou pesquisas e montou a árvore genealógica da família. Ignacio, você que também conhece Catellano, conte como foi que isso aconteceu.”

- - - - -

Atendendo ao pedido do primo Arcide relato como foi minha visita à Castelado, no ano de 1987:

Em meados de 1987, eu estava em Cucciago - pequeno comune (município) entre as cidades de Como e Cantú - nas proximidades de Milão, quando recebi um telefonema do primo Arcide Zanatta, pedindo que fosse visitar os parentes da Vitalina em Castellano. Casualmente, naqueles dias um amigo de Cucciago, Rodrigo Romanô, dono de uma fábrica de seda exclusiva para gravatas, me convidou para acompanhá-lo de carro até Rovereto¹⁵.

Enquanto a Maserati bi-turbo diesel estava sendo abastecida, olhei para o relógio. Eram quatro horas da tarde e seu Romanô precisava chegar a Rovereto antes do fechamento de uma fábrica de gravatas. Seu Romanô costumava visitar os 400 clientes espalhados pela Itália, ao menos uma vez por ano, perfazendo em média 80 mil quilômetros com sua Maserati. Nossa viagem foi uma espécie de treino de F1, tipo daquilo que acontece na pista de Mônaco, por ali perto. Mal deu para engolir uma pêra, que estava comendo, quando chegávamos à auto-estrada, periferia de Milão, tendo já despachado 27 quilômetros de estradinha tortuosa. A pêra ficou

¹⁵Rovereto é uma cidade famosa pelo Cemitério onde estão sepultados 14 mil italianos mortos durante a I Guerra Mundial, local onde construíram o enorme “Sino da Paz” com restos de armamento bélico. É também a terra de Antonio Rosmini, autor do livro “As cinco chagas da Igreja”, que já questionava a estrutura arcaica da Igreja do século dezenove.

entalada a meio caminho. Depois de Milão seu Romanô começou a discorrer sobre os tempos de Mussolini e os problemas do pós-guerra na Itália e só parou, quando chegávamos a Rovereto, pouco antes das seis horas da tarde, tendo percorrido os 300 quilômetros em pouco menos de duas horas.



Aqui está Castellano: a igreja e umas 50 casas, e,
lá embaixo, Rovereto, às margens do rio Adige

Logo de chegada, após mútua apresentação, o dono da fábrica de gravatas, inteirado de meu objetivo, me arranjou uma carona. Um jovem ruivo, muito simpático, que residia na encosta do outro lado do rio Ádige, me transportou até a frente da igreja de Castellano. Uma igreja cuja torre, ao invés de estar na frente, está nos fundos, na beira de um precipício.

Castellano é um vilarejo literalmente dependurado na encosta. Imagine, toda a paróquia tinha apenas 553 pessoas¹⁶. O Arcide pediu, que ao chegar em frente à igreja, procurasse por Da. Catarina

Miorandi Gatti. As ruas, que se formaram naturalmente conforme as facilidades oferecidas pelo terreno estavam desertas. Na primeira porta que bati, topei com a casa do pároco que estava ausente. Mas a ‘perpétua’ estava e, não sabendo me informar onde era a casa de Da. Catarina, convidou-me para entrar enquanto pediria informações para alguém por telefone. Sem outra alternativa, surgiu-me a ideia de telefonar para o primo Arcide em São Paulo, que me passou a seguinte orientação: “Aos sair da casa paroquial, siga pela esquerda, abra o primeiro portãozinho e suba a escada. É ali mesmo”. As casas confrontavam parede com parede.

Da. Catarina morava numa casa antiga, de dois pisos, muito simples, encostada à parede da casa paroquial e a ‘perpétua’ nem conhecia. Acontece que a tal ‘perpétua’ era apenas ‘temporária’, estava a substituir a efetiva que estava de férias¹⁷.

¹⁶Na Itália existem muitos municípios pequenos, até bem menores do que Castellano. Em 1995 conheci Morterone, uma cidadezinha no alto das montanhas, próximo de Lecco, a cidade do famoso romancista Alessandro Manzoni, autor de “I Promessi Sposi”. Chegamos por lá, numa tarde amena de um domingo. Ao avistar duas senhoras, uma das quais empurrava lentamente um carrinho com um bebê, eu disse para o amigo Alfredo Invernizzi: “*Quer ver como eu já sei o nome daquela criança?* E, chegando junto a elas perguntei: “E allora, come stá Luigi?”. Era quase impossível errar, visto que naquela manhã de domingo eu tinha lido no Corriere della Sera a notícia de que havia nascido há poucos dias o 21º morador de Morterone. A população atual é de pouco mais de 50 pessoas.

¹⁷Perpétua é a empregada do padre Abondio, personagem de “I promessi sposi”, nome que os italianos passaram a aplicar para todas as empregadas dos padres.

Quando me apresentei fui logo recebido com muita cordialidade. Lá estavam cinco pessoas: filho, nora e neto e uma vizinha, conversando, enquanto aguardam que a sopa ficasse pronta.



Em frente à Igreja de Castellano:
Nonna Catarina Miorandi, Arcide e Pietro Gatti

Dali a pouco tocou o telefone. Percebi que estavam conversando com frei Silvino, que naquele tempo comandava a cozinha do convento dos freis capuchinhos de Garibaldi. Pedi que me passassem o telefone e - que casualidade - o frei Silvino estava justamente solicitando informações e documentação a fim de completar o seu trabalho sobre as origens da família Miorandi. No dia seguinte fui até a casa paroquial e fotocopiei as anotações que registravam o nome de dezoito casais que partiram para o Brasil em 1922, entre os quais o bisavô da Vitalina.

Acabei fazendo tanta amizade com o Paulo Miorandi, primo terceiro da Vitalina, que em 1993 retornei a Castellano para revê-los. Foi ele que, por ocasião da primeira

visita, me convidou para escalar Monte Albano, um penhasco de 200 metros de altura. Foi uma aventura inesquecível, da qual ainda guardo umas fotos, que o primo Arcide fez questão de incluir nestas páginas.



Uma vista da cidade, na metade da subida, e aqui o Paulo, depois dos primeiros 40 metros.

E agora, retornado ao Brasil, escutemos o que o primo Arcide tem para nos contar sobre sua vida no final da década de cinquenta:

- “Naquele tempo não se pensava em namoro prolongado, e o Carlão achava que tínhamos que casar o quanto antes. Nosso casamento aconteceu na Igreja Matriz de Tapejara no dia 12 de abril de 1958. Lembro bem que até o vô Ricardo Deitos esteve presente. Quando casei, ganhei de meu pai uma vaca e um jogo do quarto de imbuia (cama, roupeiro e dois criados). Meu sogro deu uma máquina de costura para a Vitalina e nada mais.

O casamento¹⁸ foi no sábado e na quarta-feira já embarcamos para o interior de Campos Novos, para trabalhar na Serraria da Firma da qual meu pai era sócio.

¹⁸Cabe registrar que não lembro nada do casamento do Arcide e da Vitalina. Minha mãe Rosalina, gostava da Vitalina e, de certa forma, fez um pouco de cupido para os dois. Vitalina era muito bonita, alegre e sempre disposta. Todos torciam para que o casamento acontecesse. Depois de nossa mudança para Ibiraiaras (1955), só voltei para Tapejara muitos anos mais tarde, quando a família do “tio Güera” já vivia em Cascavel. Lembro-me, no entanto, de um fato marcante acontecido no fim da década de cinquenta. Durante a Semana Santa, toda a família do tio veio nos visitar de caminhão. Lembro especialmente de que na sexta-feira-santa, durante as rezas que se fazia na Igreja Matriz de Ibiraiaras, o caminhão partiu. A linda igreja de madeira estava no meio da praça, no mesmo lugar da atual. Do banco em que eu estava ajoelhado assisti furtivamente o embarque de todos, no outro lado da praça. Eu era muito amigo do Darci, o terceiro filho da família do tio Güera e da tia Ledízia. Ele sofria do coração desde pequeno e vivíamos muito apegados um ao outro. Então, de repente, tive a nítida sensação de que nunca mais o veria. Tive vontade de sair correndo e abraçá-lo pela última vez, mas a timidez me segurou plantado no banco da igreja. De fato, nunca mais vi o primo Darci, amigo querido dos tempos de infância. Segundo o primo Arcide, naquele tempo já moravam em Campos Novos e o Nelson era quem dirigia o caminhão.



Nosso casamento em Tapejara



Baile de Formatura em Direito - São Paulo

Chegando a Serraria da Firma,¹⁹ localizada a uns 35 quilômetros de Campos Novos, me emprestaram uma casinha para morar e passei a trabalhar com a “serraperi”²⁰ em troca de meio salário mínimo. Meu trabalho era das 4 horas da manhã até as 10 horas da noite, de segunda à sábado. Não tínhamos descanso. No domingo eu e a Vitalina tínhamos que carregar dois caminhões de madeira, 120 dúzias. Ela pegava numa ponta e eu na outra. Durante a semana a Vitalina trabalhava na roça e cuidava dos animais.

Cinco meses depois passei a dirigir o caminhão que puxava toras do mato. Nas primeiras semanas, eu só dirigia quando o caminhão retornava vazio para o mato. Assim foi até aprender direitinho.

A política da Firma era cortar primeiro os pinheiros dos outros, comprados por lotes, e poupar os dela. Daí porque às vezes tínhamos que viajar alguns quilômetros a mais.

No dia em que ganhou o primeiro filho, o Jucenir Belino Zanatta, a Vitalina fez dois quilômetros com um feixe de pasto nas costas. A pastagem próxima da Serraria estava reservada para o gado da Firma. Pouco tempo depois tínhamos duas vacas, alguns porcos e uma porção de galinhas. Mas a vida de casados no seu início tem sido

¹⁹A Firma ou empresa montada pelos três irmãos - Fioravante, Antônio e o tio Guerino Zanatta - possuía, além de uma Serraria montada nas proximidades do Rio da Várzea, um pinhal em Espinilho e outro em Corbélia, ao todo uns 90 mil pinheiros de corte. O pinhal de Corbélia estava sob custódia do tio Abílio autorizado a mandar serrar os pinheiros atingidos por raio ou derrubados pelo vento. Estas 36 colônias de Corbélia, como também as 36 colônias de Andrade, tinham sido recebidas do Estado do Paraná, que passou Escritura a fim de que fossem colonizadas. Naquele tempo, não se tinha a consciência ecológica de preservação que temos hoje, a mata era vista como empecilho para o plantio.

²⁰Espécie de serra múltipla, cortava cinco tábuas por vez.

muito difícil. A nossa comida era “puina, polenta e radice do mato”.

Um ano depois passei a trabalhar com o trator Caterpillar D4. O Caterpillar servia para abrir estradas na mata e também para conduzir as toras até o estaleiro.

No final de três anos de muito trabalho na Serraria do rio da Várzea, tínhamos juntado uma pequena economia de 86 mil cruzeiros. Deixei o meu trabalho de tratorista devido a um incidente. Num certo fim de semana um grupo de trabalhadores saiu com o caminhão até Espinilho, encheram a cara e na volta quebraram um feixe de molas. No dia seguinte, como o seu Miro, responsável pelo conserto não estava, pediram que eu fizesse o trabalho. Na verdade, na segunda-feira, o caminhão tinha que me levar para o mato, onde eu dirigia um Caterpillar D4. O gerente pediu que eu fosse com o caminhão até Campos Novos. Mas eu protestei, dizendo que procurasse o responsável e que o meu trabalho era com o trator. Então seu Alfredo pegou um laço e desceu no meu lombo até cansar. A partir daquele dia me recusei a continuar trabalhando com eles.

Desde então resolvi procurar trabalho em Joaçaba. A minha intenção era encontrar um serviço que me possibilitasse continuar estudando. Só arranjei serviço no posto Schiavino, próximo da ponte que conduz para Eral do Oeste. Então, querendo poupar dinheiro, me postei junto à ponte para arrumar uma carona e voltar para casa. Lá pelas tantas chegou o tal de Brezolinha, dono de um madeireira muito grande, com uma serrafita que serrava três mil dúzias de tábuas por mês. Ele estava dirigindo um Jeep novinho em folha. A gente já se conhecia e ele logo chegou perguntando:

- O que você está fazendo por aqui, Arcide?

Expliquei o caso e ele então propôs:

- Você não quer trabalhar como nosso tratorista?

Respondi que não queria mais trabalhar como empregado e que pensava em continuar os estudos. Então ele continuou:

- Tenho um Caterpillar D6 parado. Ninguém sabe lidar com ele. Te pago 10 salários mínimos por mês, livre de tudo. Quero que fiques conosco pelo menos durante um ano, até que alguém aprenda contigo a lidar com o trator. Durante este tempo deixo um carro a tua disposição a fim de que possas visitar tua família nos fins de semana.

Era uma proposta irrecusável. Durante aquele ano em que trabalhei com o Caterpillar D6, minha família continuou morando no rio da Várzea. Três meses depois de iniciado este novo trabalho teve uma temporada de chuvas contínuas. O caminho entre Joaçaba e Campos Novos estava em construção e as estradas tornaram-se intransitáveis por muitos dias. Chegou mais um fim de semana chuvoso e bateu a saudade da família. Fiz 65 quilômetros a pé, caminhando debaixo d'água, das seis da manhã até as dez da noite.

No final deste rentável ano de trabalho, eu e a Vitalina conseguimos juntar mais de 200 mil cruzeiros e, então, decidimos iniciar uma nova vida. Vendemos as vacas, porcos e galinhas e, com nosso filho Jucemir, nos transferimos para a cidade de Campos Novos. De chegada compramos uma Mercearia, onde vendíamos especialmente frutas e verduras. Eu atendia na mercearia e a Vitalina trabalhava na limpeza da Escola dos Padres. O pároco era boa gente, chamava-se Quintiglio Costini, vindo da Itália. Então tivemos o nosso segundo filho, o Jamir.²¹

²¹Falecido no dia 29 de julho de 2010 em Diadema, consequência de um tiro por ocasião de um assalto e roubo de sua moto BMW Adventure, na noite do sábado anterior. Zamir tinha uma coleção de motos e viajou doidamente por toda a América. Na viagem que empreendeu até o Alaska percorreu ao todo 55 mil kms, consumindo diversos jogos de pneus. Depois (2008), quando o filho Caio Pietro completou 18 anos, viajaram juntos até Ushuaia.

Os negócios foram bem e logo acabamos comprando o armazém do Valdemar Casagrande. Nosso mercado passou a se chamar Armazém São Luiz. O carro motor de meus negócios era, por assim dizer, o contrabando de arroz. Naquela época o Rio Grande do Sul já era o maior produtor de arroz do Brasil, uma fonte de renda notável para os cofres públicos. O preço do arroz no Rio Grande era de 2,70 cruzeiros à saca enquanto que do outro lado do rio Pelotas (Uruguai) custava 14 cruzeiros. Comprei um caminhão Chevrolet, financiado na Burlamaque de Passo Fundo e passei a comprar arroz no Rio Grande do Sul. Com o caminhão carregado de arroz eu fazia a travessia do rio Pelotas na Balsa entre Machadinho e Capinzal, sempre de madrugada. Era um negócio muito arriscado, mas com isso consegui juntar um bom dinheiro.

Naquele tempo eu era um bom jogador de futebol e fazia parte do time titular do Esporte Clube Campos Novos. Por sinal, num confronto com o Ipiranga de Erechim, ganhamos de 4 x 0 e levamos a taça. Sempre gostei de futebol, mas nunca cheguei a ser tão bom como o Zico.



Encontro com Zico, quando era técnico no Japão



Recordando nossa vitória sobre o Ipiranga

Nesse meio tempo a sociedade do meu pai com os irmãos Fioravante e Antônio entrou em crise. A expulsão do Gentil, filho do tio Antônio, que controlava as despesas e exigia prestação de conta mensal por parte do gerente, provocou a desfeita da sociedade.²² Venderam a serraria do Rio da Vargem para o Boscorelli, que tinha uma “serra fita” vizinha a nossa. A sociedade, como já foi dito acima, tinha cerca de 90 mil pinheiros contabilizando os pinhais de Espinilho, próximo de Campos Novos e o de Corbélia no Paraná. Só em Corbélia, eram 36 colônias cobertas de araucárias. Da partilha entre os três sócios da Firma, meu pai ficou com 12 colônias em Corbélia, sendo que duas estavam registradas em meu nome e as demais em nome de meus irmãos. Meu pai ficou com 365 milhões depositados no Banco INCO (então Banco do Estado de Santa Catarina) e se transferiu para a cidade de Campos Novos²³.

²²Gentil Zanatta foi para Curitiba onde comprou um Posto de Combustível em sociedade com o cunhado Massochin. Em pouco tempo tinham oito postos de combustível.

²³Posteriormente, devido à má administração e desmandos da família, o pai perdeu tudo. Ficando apenas com as terras de Corbélia e Andrade, registradas em nome dos filhos menores.



Em visita aos pais em Cascavel: Ledízia e Vitalina (1976) Jucemir, Oscar, Guerino, Arcide e Jamir

Entusiasmado com o meu sucesso, meu pai resolveu fazer sociedade comigo. Compramos um terreno em frente ao meu Armazém e construímos um prédio de dois pisos. Meu pai contribuiu com 20 mil cruzeiros. No primeiro piso instalamos um mercado com 800 m² e a família de meu pai se instalou no segundo piso. Eu era dono de 30% do mercado e o restante pertencia ao meu pai e família. Em pouco tempo tornou-se o maior mercado de Campos Novos, com um bom faturamento mensal.

Infelizmente, esta sociedade não durou muito tempo. Quando percebi que no final do dia meus irmãos retiravam dinheiro do caixa indiscriminadamente - sem anotar no caderno como despesa da família do pai - protestei. Eu dizia: o pai é muito simples, ele não tem controle sobre os negócios, se alguém não controla, vamos perder tudo no futuro. No entanto, meus irmãos deram rizada e pediram que eu saísse da empresa de Atacado Secos e Molhados São Luiz. Meu pai, tomando partido em favor de meus irmãos, respondeu: “Se você não concorda, então procure trabalhar noutro lugar”.



Fachada atual do antigo Armazém São Luiz
em Campos Novos – SC

Naquele tempo trabalhava conosco o primo Euclides, filho do tio Adelino Deitos de Carlos Barbosa, hoje residente em Cascavel. O tio Adelino também interferiu para que eu saísse da sociedade. Eu sai da firma sem receber nada, no compromisso de me pagarem dois milhões no prazo de dois anos, mas eles nunca mais falaram de pagar, e eu, em respeito ao pai, nunca cobre nada²⁴.

²⁴Quando o Maneco, meu ajudante dos tempos em que trabalhei em Cascavel, foi cobrar a primeira parcela só lhe entregaram umas poucas caixas de latas de azeite da marca SWIFT do Brasil S.A.

A vida é uma incógnita

2.3 - Vida Nova em Corbélia e Cascavel

Em julho de 1962, juntamos nossos pertences e economias e partimos para um novo destino.

Eu, mais a Vitalina com nossos dois filhos, Jucenir e Jamir, nos mudamos inicialmente para Corbélia, onde morava o tio Abílio Deitos. O tio Abílio Deitos tinha muita madeira e um bom terreno sobre o qual construímos um pavilhão de dez metros por vinte, todo de madeira.²⁵ O tio Abílio, quando da venda dos pinhais da Firma, ficou com 12 milhões em dinheiro.

Nosso armazém, também de nome Armazém São Luiz²⁶, cresceu rapidamente. Tínhamos um caminhão Chevrolet uma picape e um jeep. (Quando decidi comprar este caminhão fui novamente a Passo Fundo, onde já tinha comprado o caminhão do Armazém de Campos Novos, mas não deu certo. Acontece que quando vendi minha parte do mercado de Campos Novos, em acordo posterior eles assumiram o saldo devedor.

²⁵Eram tempos difíceis, de muito jagunço e o tio Abílio cuidava para que ninguém invadisse as terras da Firma em Corbélia. À medida que algum pinheiro era derrubado pelo vento ou ameaçava se estragar, o tio tinha o direito de mandar serrar, vender ou guardar a madeira.

²⁶Arcide tornou-se devoto de São Luiz desde os tempos de Seminário em Vale Vêneto. Por ocasião da festa do patrono da juventude, no mês de junho, aconteciam festejos muito apreciados pela gurizada.

Um ano depois, quando vim para Passo Fundo para comprar outro caminhão, quase fui preso. Soube que a dívida não tinha sido paga e tive que fugir).

Os colonos chegavam e entregavam sua produção de milho, feijão e outros produtos e recebiam somente depois de efetuarmos a revenda. Era um negócio garantido, sem perdas.

Pouco tempo depois, em 1963, construímos um grande pavilhão de alvenaria – 20m x 40 m - na Avenida Brasil de Cascavel, onde abrimos um atacado, também com o nome de Armazém São Luiz.²⁷

Naquele tempo a cidade de Cascavel passava por uma fase de crescimento extraordinário. Pouco tempo antes tinha sido aberta a Avenida Brasil e os dois quilômetros centrais já estavam asfaltados. Porém, as estradas de acesso eram precárias. Por exemplo, o percurso entre Cascavel e Toledo era todo de chão batido, pura terra vermelha. A maior parte da estrada era em meio à mata, transitável somente em dias de tempo bom. As taquaras tapavam grande parte da estrada, formando uma espécie de túnel e às vezes era necessário cortá-las para possibilitar a passagem.

Nossa sociedade com o tio Abílio progredia ‘de vento em popa’. Eu tinha 65% do capital, o tio Abílio 30% e o restante era do Maneco. Éramos assessorados por gente de confiança como o seu Campos e o Maneco (Manuel Domingos Weber).

Nosso atacado - armazém de secos e molhados – tornou-se respeitado e gozava de bom crédito perante seus fornecedores. Fornecíamos mercadorias de toda espécie para uma vasta região do oeste do Paraná e, principalmente para o Paraguai. Nosso atacado oferecia mais de 250

²⁷O prédio, posteriormente a “falência” (1967) e liquidação (1972), foi transformado numa Escola que continua funcionando até os dias de hoje.

produtos diferentes. Comprávamos praticamente toda a produção de óleo produzido em Céu Azul; um mês da produção de farinha de trigo da cooperativa Santa Clara de Carlos Barbosa; oito dias da produção de açúcar da refinaria de Curitiba e por aí a fora. O oeste do Paraná estava em franco desenvolvimento. Chegamos a vender 10 mil sacas de açúcar por mês, 100 fogões e muitos outros produtos. Cinco anos mais tarde a Firma passou a ter 2 carretas, 2 caminhões Mercedes truques, 3 camionetes F350, 4 picapes Rural willis e 4 Jeeps. Depois de algum tempo abrimos outro mercado em Francisco Beltrão.

Nosso principal negócio era com o Paraguai. Todo mês seguia para o Paraguai dois caminhões carregados de pilhas Rayovac e outros produtos como cachaça, Martini, bolachas “Marilan”, etc. Era um negócio muito lucrativo, pois toda mercadoria que seguia para o Paraguai tinha isenção de 50% em impostos e tínhamos a preferência.



O atacado e armazém São Luiz em 1965,
junto à Avenida Brasil de Cascavel

Foi durante este período de prosperidade que, para minha surpresa, certo dia meu pai chegou à Cascavel com a família e toda a mudança em cima de um caminhão, menos o Nelson que já tinha casado e permaneceu em Campos Novos por mais algum tempo. Meu pai chegou e disse: “Arcide, não tenho mais nada, nem dinheiro para alugar uma casa. Ajuda-me!”

Quando os deixei em Campos Novos eles estavam muito bem, como relatei anteriormente. Onde foi parar toda aquela fortuna deixada no Banco, alguns anos antes? E o que fizeram do Armazém São Luiz, tão próspero no pouco tempo em que estive trabalhando junto? Bem que estas perguntas passaram pela minha cabeça, mas em respeito ao meu pai não às fiz e tratei logo de arranjar um lugar para eles.

Eu tinha um empregado ocupando uma casa sobre um terreno de mil m², junto à Avenida Brasil, em frente ao Nodari. Na casa morava um empregado meu que tinha saído da Firma Sevezani há três meses e era um ótimo vendedor. Diante da necessidade por que passavam meus pais, pedi que o mesmo desocupasse a casa. Infelizmente esse fato quase me custou a vida. Contrariado, o empregado tentou me matar. Felizmente o seu Colombo, dono do Posto de combustível em frente ao Armazém, me alertou a tempo. Ele estava me esperando de tocaia do outro lado do prédio. A polícia foi chamada e o indivíduo foi preso com uma faca.

Meu pai, que tinha vendido também as terras que recebera em herança em Tapejara (75 hectares), precisava de dinheiro para investir no desmatamento das terras que sobraram em Corbélia, terras que lhe restaram porque tinham sido registradas em nome dos meus irmãos menores. E como meu pai não tinha nada em nome pessoal para apre-

sentar no Banco do Brasil, como garantia para conseguir um empréstimo, passei a escritura do terreno e casa em que morava para o nome de meu irmão Osmar. Foi assim que ele reiniciou a vida, morando em Cascavel e plantando no interior de Corbélia, nas terras onde hoje moram o Osmar e o Oscar. O meu irmão Nelson é o único que usufrui das sete colônias que meu pai recebeu por ocasião da partilha da Firma, na década de sessenta. Essas terras, situadas no município de Andrade, são muito dobradas e, na sua grande maioria, cobertas de matas.

Da parte que me caberia da venda do terreno de Cascavel, cuja Escritura tinha passado em nome do Osmar, nunca tive uma prestação de contas por parte de meus irmãos.

Meu pai era um homem bom, mas, como era analfabeto, deixava tudo nas mãos dos filhos, que, infelizmente, não souberam administrar os seus bens. E em respeito ao meu pai, eu nunca reclamei.

Meu pai sempre foi um grande lutador²⁸. Era analfabeto, porém, tinha uma vontade de trabalhar incrível. Na segunda-feira viajava de ônibus até Corbélia, de lá prosse-

²⁸O tio Guera era de fato uma figura singular: de estatura não muito alta, contudo de aparência robusta, andava sempre de camisa aberta, mostrando a barriga e arrastando os chinelos de couro. Para definir sua personalidade eu diria que era um cara que transbordava bondade de mistura com traquinice, sempre tentando pegar a gente em alguma cilada. O fato é que ao seu redor ninguém ficava triste. Nunca vi pessoa mais espontânea e à vontade do que ele. Lembro que em 1980 - após a missa da noite na igreja São Cristóvão - o primo Roger, que hoje vive na Califórnia, saiu da igreja e, procurando pelo tio, caiu na risada quando o viu mijando de encontro ao muro, na maior das tranquilidades. Foi ele que nos guiou na “visita de despedida” das Sete Quedas, em fevereiro daquele ano em que foram fechadas as comportas da Usina de Itaipu. Em fim, o tio Guerino era uma boa companhia, eu adorava ficar por perto dele. Sempre disposto, divertido como ninguém, adorava uma cerveja.

guia a pé até as terras, dormindo o restante da semana num ranchinho improvisado, comendo polenta e radice. Voltava para Cascavel no sábado, algumas vezes percorria os 27 quilômetros à pé. E mais uma vez ele venceu. Aos poucos foi juntando dinheiro até adquirir um terreno sobre o qual construiu a casa onde viveu até vir a falecer aos 74 anos, no dia 15 de setembro de 1988, vítima de um ataque cardíaco. Hoje minha mãe, já com 97 anos de idade, vive na mesma casa de madeira, fruto do trabalho de meu pai.

Sobre o que aconteceu com meu pai e irmãos em Campos Novos, depois de minha partida em julho de 1962, quase nada sei. Parece que depois de venderem o Armazém São Luiz e as terras de Tapejara, compraram um posto em Horizonte, município de Palmas, no Paraná. Nunca me preocupei com o que aconteceu com eles, porém, uma questão sempre me intrigou: “Como foi que eles conseguiram vender o terreno sobre o qual estava o Armazém São Luiz em Campos Novos, que estava escriturado em meu nome, sem a minha assinatura?” Para mim isso continua sendo um mistério. Às vezes me pergunto: por que sou assim? Nunca reclamei nem com meu pai, nem com meu filho Jamir, que me deu o golpe do Escritório. Mas isso não vem ao caso. Voltemos ao ano de 1966, quando nosso atacado foi abordado pela Fiscalização Federal.

O sucesso do Armazém São Luiz em Cascavel acabou despertando desconfiança e inveja. Provavelmente fomos denunciados perante a Receita Federal²⁹.

O controle de toda a documentação, notas de compra e venda efetuada pelo Armazém São Luiz, estava sob o comando de um economista e dois contadores. Nós, o tio Abílio e eu, entregamos toda a responsabilidade da documentação para eles. A Lei Fiscal concedia isenção de

²⁹Um dos prováveis denunciante é hoje dono de uma rede de Supermercados e Hotéis presentes em toda a região oeste do Paraná.

50% de impostos para as vendas que se fazia ao Paraguai, porém, todas as notas teriam que, por primeiro, passar na Receita Federal para serem vistoriadas e carimbadas. Infelizmente nosso economista e contadores, por falta de perícia e cochilo talvez, não realizaram este processo. Quando chegou a fiscalização da Receita Federal, perceberam que as notas arquivadas não tinham o carimbo de isenção e fomos multados em 160 milhões.

Pouco tempo antes apareceu por lá em Cascavel o Fernando Marcon, antigo colega de seminário, primo de minha esposa, que tinha antes um moinho em Coxilha. Ele tinha muitas dívidas com o moinho, por isso, depois de colocá-lo no seguro, meteu fogo no moinho, pensando em pagar as dívidas com o dinheiro que receberia do seguro. E, com a intenção de ajudá-lo, pois estava na pior, lhe entregamos o comando do armazém de Corbélia, que ainda gozava de grande prestígio na região. O Fernando Marcon aproveitando-se desta situação tomou muito dinheiro emprestado dos colonos. E nós não sabíamos de nada, aparentemente sua administração não apresentava problemas, tudo corria bem.

O Fernando, que tomava conta também do armazém de Francisco Beltrão, ao receber a notícia da multa da fiscalização de Cascavel, vendeu a mercadoria de uma jamanta recém chagada e abandonou o armazém. Ficamos sabendo, muito tempo depois, que ele tinha comprado 10 colônias de terra em Ipiranga, colocando-as em nome de seu irmão. Posteriormente ele se transferiu para Porto Alegre e veio me visitar em São Paulo. Trabalhava com um caminhão e, ao retornar com uma carga de bobinas de aço, sofreu um acidente no pé da serra, próximo à Curitiba, e morreu sem me pagar o que devia.

Voltando à situação de Cascavel:

É bom recordar que no Brasil, a partir de 1964 pas-

samos a viver uma situação peculiar com a dita “Revolução de 31 de Março”. Os militares, recebidos inicialmente com entusiasmo pela maioria do povo, passaram a controlar a situação na base da repressão. Vivíamos uma situação de insegurança, pairando dúvidas e incertezas sobre tudo. Eu procurei, por todos os meios, negociar uma redução da multa proposta pela Receita, mas não fui atendido, nem sequer pela Polícia Federal em Curitiba.

A situação era complicada: se pagássemos a multa imposta pela Receita Federal, ficaríamos sem dinheiro para pagar de imediato nossos fornecedores. E, sem capital de giro, o nosso negócio seria inviável. Por isso, com receio da Polícia Federal por um lado e dos credores por outro, decidi entregar as chaves do Armazém São Luiz nas mãos do Promotor de Justiça de Cascavel e, com cinco mil cruzeiros no bolso me transferi com a família para Curitiba, onde aluguei uma casa.

Além de nossa sociedade com o tio Abílio, eu tinha um caminhão Mercedes Benz em meu nome particular. O caminhão estava entregue para um motorista que, depois de saber do acontecido com o Armazém São Luiz em Cascavel, passou a morar em Curitiba e pensou em não mais me devolver o caminhão. Estava dando tudo errado. Felizmente, graças à ajuda dono do Posto do Zeca, onde abastecíamos os caminhões da Firma, o caminhão foi retido. Já estava com os pneus velhos. De posse do caminhão comecei a fazer frete. A primeira viagem foi para Recife, com o caminhão carregado de garrações de vinho. O primo Cláudio, filho do tio Adelino, me acompanhou. Sobramos apenas cinco mil cruzeiros. Porém, no retorno, depois de carregar o caminhão de abacaxi próximo a João Pessoa, vendemos a carga em São Paulo, lucrando 200 mil cruzeiros.

Depois viajei para São Paulo e na volta, na subida da serra, a 100 quilômetros de Curitiba, sofri um acidente.

Um caminhão carregado de barrotes, vindo na contramão, bateu de frente e acabei prensado no meio dos barrotes. Desmaiei três vezes. Fui levado para o hospital de Curitiba, onde permaneci por alguns dias. Depois tive que fugir, pois o pessoal de Cascavel, que tinha ficado de haver do Armazém São Luiz, me ameaçou. Então vendi o caminhão para o ferro-velho e parti para São Bernardo do Campo com a família.

Em São Bernardo do Campo, onde consegui alugar uma casa mediante o pagamento de seis meses de adiantamento, comprei o ponto de taxi Rotary, do Leôncio Bertini. Depois de dois meses vi que não dava nem para pagar as prestações de 200/mês e tratei de devolver o ponto de taxi.

Em seguida comprei outro ponto de taxi no centro de Diadema. Com este tive mais sorte e o mesmo só foi vendido há uns três anos atrás. Este ponto de taxi estava em frente de duas agências bancárias. Todos os dias, às 10 horas, os bancários na hora do cafezinho vinham prosear comigo. O gerente de um dos bancos, o Banco Moreira Sales, chamado Natalino, simpatizou comigo. Vendo que seguidamente eu ia depositar os trocados que sobrava, me ofereceu o transporte do “malote” para a matriz do banco, no centro de São Paulo. Ele me pagava 50 cruzeiros por viagem, quando o meu faturamento por dia era de apenas 20 cruzeiros. Logo em seguida comecei a transportar também o malote de outros dois bancos: o Banco de Minas Gerais e o Banco São Caetano. Por último também transportava o malote do Bradesco.

Passei a ganhar tão bem que comprei um carro novo, além do Aerowillis, só para transporte de malotes e contratei dois ajudantes, o Guilherme e o Augusto. Trabalhando como taxista, nunca fui assaltado nem ameaçado, mas sempre tive o cuidado de trabalhar só das 6 da manhã às 10 da noite. De preferência só transportava gente pelas ruas prin-

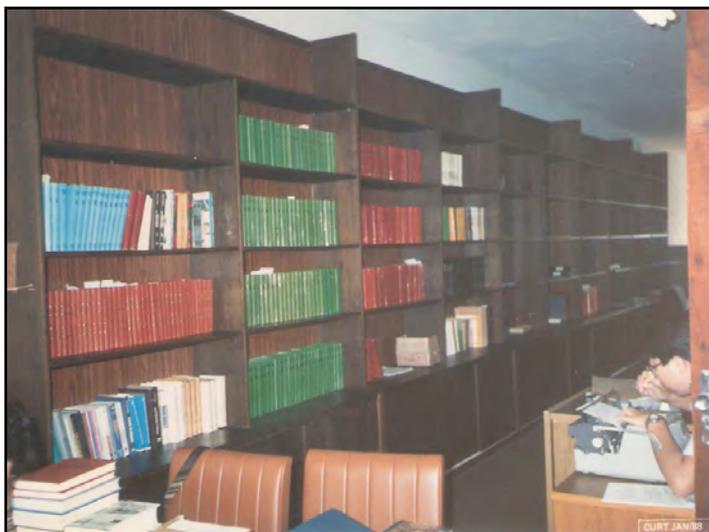
cipais e nunca entrava nos becos e ruas suspeitas. Comprei uma casa no Jardim das Nações, na Rua România, número 29, pagando 300/mês prazo cinco anos. Esta casa continua minha até hoje, está alugada.

Com ajuda dos dois ajudantes, passei a frequentar todos os cursinhos que apareciam: contabilidade, preparatório ao vestibular, até entrar na Faculdade de Direito São Carlos. Isso foi em 69, 70.

Pouco antes de me formar em Direito, montei um escritório de Contabilidade em sociedade com o Augusto Gambatto, que fora contador da Matarazzo. Por três meses não vi a cor do dinheiro. Tive que assumir o caixa e, ao cabo de dois anos, ele comprou quatro carros e eu duas casas. O Augusto era um sujeito esquisito, pesava 140 quilos e apesar de possuir os quatro carros, vinha para o Escritório sempre a pé. Depois que me formei em Direito vendi para ele minha parte do escritório por 33 mil cruzeiros.

Em, 1975 montei o Escritório de Advocacia com um italiano chamado Dr. Antônio Janetta.

Eu gostava muito do meu trabalho, por isso, procurei me manter sempre atualizado quanto as leis que iam surgindo ao longo do tempo. Terminados os estudos na faculdade procurei manter um ritmo de estudo permanente. Durante muitos anos, todos os dias, eu dedicava três horas de estudo sobre Legislação Brasileira, nas diferentes áreas, porém, com atenção especial ao Direito do Trabalho. Fui comprando livros, coleções e assinando todas as revistas sobre a matéria e, aos poucos, fui montando uma biblioteca com mais de três mil volumes sobre Direito.



Nosso Escritório em Diadema – São Paulo

O nosso Escritório começou a conquistar nome e prestígio não só de Diadema, mas em toda a grande São Paulo. Em parte, isso vinha do fato de que tínhamos a habilidade de selecionar os casos que nossa competência nos permitiria vencer. Ao atingir a este nível a clientela foi aumentando cada vez mais. Posso afirmar que só alguns poucos têm a sorte de chegar a este patamar e estatura profissional e os nossos honorários refletiam isso.

Trabalhamos oito anos juntos. Naquele tempo o recebimento do dinheiro de um Processo concluído ficava retido por 40 dias, mas, quando chegava a nossa conta, vinha acrescido com juros de 70 a 80%. Entrava muito dinheiro e comprávamos dólares.

Depois de alguns anos de muita prosperidade, o Dr. Janetta propôs a desfeita de nossa parceria, tanto vendendo sua parte como comprando a minha. Percebendo que sua oferta era vantajosa, acabei vendendo minha parte e, com parte do dinheiro recebido, construí o prédio de meu Escritório atual, bem ao lado do antigo.



Residência na rua Japão, em Diadema

Com a colaboração de alguns funcionários do escritório anterior e, com a contratação de outros, fui aos poucos montando um grupo muito disposto e competente que, em pouco tempo, adquiriu respeito e confiança em Diadema e região. Nossa atuação foi se concentrando cada vez mais nas Áreas do Direito do Trabalho, da Previdência, Acidente e Civil, defendendo o trabalhador, os operários das grandes indústrias de São Bernardo, Santo André, enfim, de toda a grande São Paulo.



Um dos prédios em Diadema



Centro Comercial em Tapejara

A parte mais importante de nosso sucesso vinha do trabalho árduo, sério e de respeito aos direitos do trabalhador frente às grandes indústrias, como já tenho dito anteriormente. Formamos uma equipe que pegava junto, que não media sacrifícios, caso fosse necessário. Cada cliente bem atendido se tornava um divulgador de nosso serviço competente e honesto. E assim, o número de processos foi crescendo ininterruptamente até ultrapassarmos o número de cinco mil processos em andamento.



Um dos primeiros Mercedes

Em 1987 meu filho Jamir, que cursava o 3º Ano de Direito, passou a trabalhar em meu Escritório como comissionado. Mais adiante, já com diploma da OAB, aos poucos fui entregando a ele a responsabilidade do controle de todas as entradas e do pagamento das despesas.



Apartamento em Guarujá



Roma – São Pedro



Piazza San Marco – Veneza

A partir de então, aproveitei para viajar na companhia de minha esposa Vitalina. Fomos para a Europa 14 vezes, estivemos três vezes na Turquia e Israel, na Grécia e Ilhas Gregas, Egito e duas vezes nos Estados Unidos.



Nos Andes



Com a Vitalina em Veneza

A Vitalina era uma companheira e tanto, topava qualquer parada, apesar do pouco estudo. Mesmo não sabendo falar o inglês, sempre nos viramos trocando informações em espanhol e italiano.



Vitalina em Assis



Numa das viagens aos Estados Unidos viajamos de ônibus pelo interior da Califórnia: Los Angeles (onde assistimos a gravação de um filme de Far-West e visitamos, por um dia inteiro, o depósito de material utilizado nas filmagens, muito interessante), San Diego (com o maior zoológico do mundo) e a bela cidade de San Francisco. Estivemos também em Phoenix, no Arizona onde nos hospedamos num ‘hotel quarteirão’. Na rua fazia muito frio, porém, no pátio interno a temperatura constante era de 20°C. Em Phoenix um advogado argentino passou por um vexame: no Mac Donald embolsou uma maçã e as câmaras registraram. Na hora do embarque a guia apontou para ele e disse: se não quiser ser preso, vá devolver a maçã. E lá se foi ele a mostrar para o responsável pelo setor de que estava devolvendo a maçã furtada.

Estivemos por dois dias no Grand Canyon, no Colorado, e, por fim, em Las Vegas. No hotel em que estávamos hospedados, como nos demais hotéis de Las Vegas, todo o primeiro piso era tomado por um grande cassino. A Vitalina gostava muito de apostar nos caixas eletrônicos, talvez por influência do pai, o seu Carlão, que era fascinado por apostas, como em corridas de cavalo em cancha reta. Eu sempre cuidava para que ela não exagerasse. Desta vez ela levou sorte. Já na terceira tentativa desceu “El gordo” ga-

nhando oito mil dólares. Com este dinheiro prolongamos nossa viagem por mais vinte dias. Então decidimos viajar de ônibus e como fazia frio, comprei um garrafão de vinho branco e íamos tomando para nos aquecer.

Chegando em São Francisco decidimos que naquele dia iríamos comer peixe. Depois de assistir um filme, pegamos o bondinho e nos dirigimos para uma região onde se encontram muitos quiosques que servem peixe. Sentamos e fizemos o nosso pedido. E lá veio o garçom com o peixe e dois copos de vinho. Disse que preferia uma garrafa de vinho e ele, muito orgulhoso, perguntou: “Mas você sabe quanto custa uma garrafa de vinho?” – Não, respondi, prontamente. Custa oito dólares! Então não tem problema, retruquei, pode trazer. Fiquei pensando: “Os americanos são muito poupadores. Não estão acostumados à abundância e fartura do nosso Brasil”. (Ou, quem sabe, nos tem achado com cara de mendigos?).

Na segunda vez que estivemos nos Estados Unidos fomos para Orlando, onde visitamos a Diney World nos seus quatro setores. Visitamos também o Cabo Canaveral, onde tivemos a oportunidade de entrar na nave espacial Apollo XI que transportou o primeiro homem à lua, Neil Armstrong, em 1969. Éramos um grupo de doze casais de diversas nacionalidades. Lá pelas tantas inventaram de eleger o casal mais bonito do grupo e fomos contemplados com um jantar de graça.

Numa de nossas viagens à Itália conhecemos a região de Avezzano. Foi interessante o modo como isso tem acontecido: Estávamos em Roma e, telefonando para o cunhado do Ottorino³⁰, ficamos sabendo que o mesmo acabara de receber a notícia da morte da sogra. Então resolvemos partir para Avezzano.

³⁰Ottorino era um italiano, amigo do primo Arcide, que vivia em São Paulo, natural de Roma, onde viviam seus irmãos e parentes.



Avezzano



Parte da área cultivada do antigo Lago Fucino

Depois de hospedados no hotel, estando nós sentados num dos bancos da praça central, fomos abordados por um velho senhor, com aparência de mendigo, com o qual

trocamos algumas palavras. Em seguida ele perguntou:

- Amanhã, gostaria de reencontrá-los aqui, neste mesmo horário. É possível? Dissemos que sim, pois nada tínhamos de especial a fazer.

No dia seguinte o velho chegou acompanhado de Antônio, sacristão aposentado da Catedral de São Bartolomeu e viúvo há seis meses. Depois da apresentação mútua e de ter falado que estivera algumas vezes no Rio de Janeiro, pediu se era possível arranjar para ele uma brasileira que o aceitasse como esposo.

Lhe falamos que essa era uma missão muito difícil. Como é que iríamos encontrar uma mulher que aceitasse casar com um italiano, viúvo, sem nunca tê-lo visto e conversado com ele? E, além disso, como poderíamos encontrar uma mulher de quem ele se agradasse, alguém com quem ele teria que viver pelo resto dos seus dias?

Mas o sacristão aposentado, depois de suas visitas ao Brasil em companhia de seu bispo, ficara encantado com as brasileiras e como prova disso ela insistia:

- Tenho muita admiração pela mulher brasileira, elas são simples, alegres e tem uma bunda redonda, são muito bonitas”.

O fato é que esta nossa conversa serviu para iniciar uma nova amizade e, assim, conhecer esta região da província de Áquila.

No dia seguinte, às oito horas da manhã ele nos buscou no hotel e nos levou até a montanha para conhecermos sua casa: um ‘átrio’, coisa de cinema! Mais tarde nos convidou para almoçar juntos, num restaurante onde o papa Paulo VI também estivera. Durante a tarde ele nos levou para visitar suas fazendas. Nem imaginávamos que aquele homem pudesse ser tão rico.

Parte da região de Avezzano era inundada pelo Lago Fucino, até 1875, quando o banqueiro Alessandro Torlo-

nia tomou a iniciativa de esvaziá-lo, fazendo com que suas águas escorressem, através de canais, até o mar. Desta forma, Alessandro Torlonia se tornou proprietário dos 14.775 hectares de terras planas e fertilíssimas, por 99 anos, quando se fez a reforma agrária naquela região. Atualmente essas terras produzem muita fruta e hortaliças. Lá as peras se produzem no tronco e galhos, como se fossem jabuticabas. Em nenhum outro lugar no mundo se produzem peras tão gostosas.

E o seu Antônio, sacristão aposentado, além de possuir uma boa área de terras cultiváveis, tinha umas 40 casas alugadas. Mais tarde ficamos sabendo que ele encontrou uma italiana com quem casou e vivia feliz. Teve muito mais sorte do que outro italiano, do qual não lembro o nome, e que nos confidenciou: Non ho avuto fortuna con le moglie brasiliane. Sempre che ho trovato una, súbito che arrivavo in Itália, me rubavano.

Noutra ocasião em que fomos a Roma, logo de chegada, enquanto estávamos sentados num dos bancos do aeroporto Fiumicino, vimos que um velho italiano estava tentando convencer uma brasileira a ‘ficar’ com ele. De repente o velho foi para o banheiro e eu, então, me aproximei da brasileira, que tinha uns vinte e poucos anos e, inteirado da situação lhe disse: Não deixe por menos de U\$20.000,00, tenho certeza de que ele dará tudo que puder para passar alguns dias com você.

De fato, durante nossa viagem de retorno ao Brasil, coincidentemente reencontramos a moça dentro do mesmo avião em que viajávamos, e ela confirmou que o velho lhe pagou os vinte mil dólares. Esses italianos são foogo!



Florença



Londres

Mas, voltando ao dia-a-dia em Diadema, - teria muitos outros casos interessantes vividos com minha esposa Vitalina, companheira de viagens e aventuras por este mundo a fora – devo dizer que a Vitalina era o meu braço direito. Ela se virava com a administração de nossa casa e ajudava também na chácara. Vitalina tinha pulso firme com as empregadas, sabia mandar e exigir que deixassem tudo em perfeita ordem. Um dos caprichos preferidos da Vitalina era o cuidado com o jardim. Cultivava muitas flores no pátio de nossa casa e até plantou um pé de cacau, que continua produzindo.”

A vida é uma incógnita

2.4 - Os filhos

“Tivemos dois filhos, o Jucenir Belino Zanatta, nascido ainda na Serraria do rio da Várzea, interior de Campos Novos e o Jamir Zanatta, nascido na cidade de Campos Novos.

O Jucenir, com dois anos e meio teve paralisia. Até a noite anterior caminhava normalmente e levantou com o problema. Levei imediatamente para Joaçaba, mas, naquele tempo, os médicos não tinham conhecimento desta doença. Então, tomei a decisão de levá-lo para o Rio de Janeiro em busca de maiores recursos. Como meu irmão Darci tinha um problema no coração decidimos de levá-lo junto para ver se havia possibilidade de uma cirurgia. Fui com a rural-willis do meu pai, que também foi junto. Nossa viagem até o Rio demorou três dias.

Quando chegamos ao Rio de Janeiro, nos encaminhamos para o Hospital Agnior, onde fomos bem atendidos. Os médicos examinaram o Jucenir e chegaram à conclusão de que não existia mais nada a fazer. Quanto ao Darci, os médicos se mostraram muito interessados e decidiram operá-lo. Durante quinze dias fiquei dando banho e cuidando do Jucenir, enquanto a Vitalina permanecia em Campos Novos.

Depois, tomei o Jucenir comigo e voltei de avião até Joaçaba e de Joaçaba até Campos Novos de ônibus, enquanto meu pai permaneceu no Hospital com o meu ir-

mão Darci. A Vitalina continuou a tomar conta dos nossos negócios e eu retornei ao Rio de Janeiro.

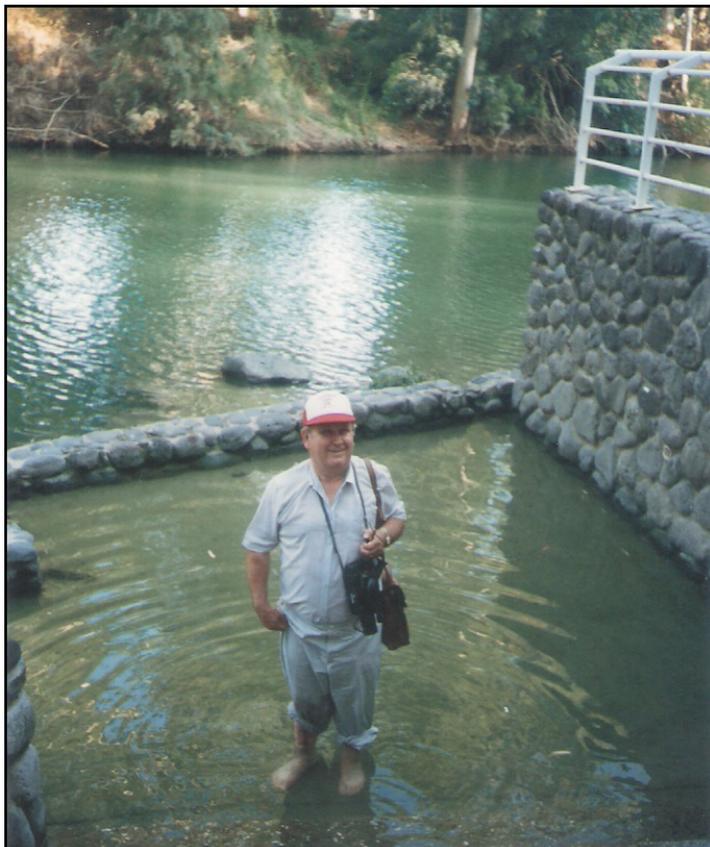
O Darci, após a cirurgia ficou bom, porém, com certas restrições quanto a esforço físico. Depois de 45 dias voltamos, eu, meu pai e o Darci com a camionete.

O Jucenir, como seqüela da paralisia, ficou com certa dificuldade para caminhar, porém, no mais se desenvolveu normalmente, sendo muito inteligente. O Dr. Jucenir, quando jovem, não soube valorizar o estudo. Durante os três anos do Segundo Grau a Vitalina tinha que levá-lo para a escola todos os dias e buscá-lo no final das aulas. Mais tarde, consegui convencê-lo a fazer um Curso de Contabilidade. Matriculei e paguei seis meses adiantados no Curso de Contabilidade do Colégio Anchieta, naquela época um dos mais famosos de São Paulo. Mas qual não foi minha surpresa, quando no dia 15 de julho, chegando até o Colégio Anchieta para ver como estavam suas notas, descobri que só tinha comparecido dois dias na escola.

Após os 18 anos, o Jucenir abandonou nossa casa. Quando tinha 21 anos, voltou com uma menina grávida e me pediu uma casa. Então comprei a casa que está ao lado da minha. No dia em que veio buscar a chave ele falou: “Só entro nesta casa depois de receber a Escritura registrada em meu próprio nome”. E eu respondi: “Podes morar nesta casa o tempo que quiseres, mas a Escritura em teu nome eu não dou”. E assim, ele ficou morando nesta casa por vinte anos, sem nunca ter que pagar pelo aluguel e, no dia em que saiu, depois de reformar a casa, não disse nem obrigado.

O Jucenir, no primeiro casamento teve uma filha de nome Bianca. Bianca, foi criada praticamente por nós, a Vitalina e eu, até os 12 anos, depois, se foi com a mãe...que já tinha abandonado o Jucenir. Bianca é hoje advogada e tem um casal de filhos.

Muito tempo depois Jucenir casou com Vanessa, com quem têm três filhas: Elisa, Vita e a terceira cujo nome ainda não descobri. Hoje, Jucenir tem seu próprio escritório de advocacia e contabilidade e reside numa bela casa, fruto de seu trabalho, em Diadema.



Rio Jordão



Horto das Oliveiras - Getsêmani

O Dr. Jamir casou com Sônia com quem teve três filhos: Priscila, Guiuliana e Caio Pietro. Todos advogados. Jamir era um grande aventureiro, colecionador de motos e automóveis. Ao construir a nova sede do seu Escritório, reservou um dos pisos do prédio de quatro andares, só para abrigar motos e carros³¹. Numa de suas viagens de

³¹A propósito o noticioso ‘Diadema em Notícia’ de Diadema publicou em janeiro de 2008: “Percorrer sobre duas rodas longas estradas, capazes de transformar o horizonte em um cenário infinito. Essa será a rotina dos próximos 25 dias para o empresário Jamir Zanatta e seu filho Caio Pietro, que partiram na sexta-feira (11) em uma viagem rumo à Patagônia, situada nas regiões sul da Argentina e do Chile. Ao todo serão mais de 10 mil quilômetros. Os aventureiros, moradores de Diadema, utilizarão duas motocicletas, uma BMW GS 1200 e uma BMW GS 1200 adventure. *“Apesar da distância, é uma viagem rápida, mas espero que seja maravilhosa. Será uma honra pegar a estrada com meu filho”*. Em maio de 2007, o empresário enfrentou 55 mil quilômetros de moto no trajeto São Paulo/ Alaska. Ao todo foram 18 nações percorridas. *“Foi a viagem mais rápida nessa distância, feita em 43 dias. Gastei quase 5 mil litros de combustível e tive que trocar cinco pneus da moto. Consegui passar pelas três Américas”*”.

moto pelas três Américas, chegou de surpresa na casa do tio Aristides Deitos em Irvine, na Califórnia. Foram muito bem recebidos pelos tios Aristides e Thereza. O tio Aristides, nos últimos anos tem dedicado sua vida cuidando de sua amada Thereza, vítima de uma doença estéril, vazia e sem vida como um deserto, o dito “mal de Alzheimer”. Como bem disse Nicholas Sparks, em seu livro Diário de uma paixão, “a Doença de Alzheimer é um ladrão de corações, almas e lembranças”.

O Dr. Jamir estagiou no meu Escritório, trabalhando em seguida como comissionado. No início tudo corria às mil maravilhas, porém, depois de alguns anos percebi que o Dr. Jamir desviava dinheiro dos clientes. Eu tinha deixado tudo em suas mãos. O controle de todas as entradas e despesas tinha ficado com ele. Percebendo o que estava acontecendo fiquei muito triste e muitas vezes chorei às escondidas. Eu não suporto alguém que prejudique o próximo.

A partir de 1993 passei por um período muito difícil. Minha saúde estava comprometida com altos índices do diabetes. Passei por uma cirurgia delicada, sendo internado durante seis dias no hospital em frente ao meu Escritório. Muitos amigos vieram me visitar e alguns clientes reclamaram de que seus processos chegaram ao fim e, no entanto, nada tinham recebido. O Jamir, que era o responsável pelos levantamentos e pagamentos não acertava com os clientes. Ao dar alta do hospital, o médico pediu que ficasse afastado do trabalho por 30 dias, mas eu, com tanta reclamação, retornei ao trabalho em seguida.

Voltei para o Escritório numa segunda-feira a partir das oito horas. Um dos primeiros que atendi foi casualmente um médico, que afirmou ter entregue R\$6.000,00 ao Escritório e de que até aquele momento nada tinha sido resolvido. Conferindo as fichas de entradas, percebi que

nada havia sido registrado. Por volta das nove horas chegou o Jamir e então lhe perguntei por que tinha feito aquilo e ele me respondeu que tinha ocupado este dinheiro para cobrir outras despesas. E eu retruquei perguntando: “Mas então, porque não deixaste registrado no fichário tanto a entrada como a saída? É importante registrar tudo, a fim de que ninguém fique pensando que o dinheiro foi desviado” E acrescentei: Você não pode mexer em dinheiro porque você dá prejuízo ao cliente e ao Escritório. E assim que acabei de falar, ele imediatamente abandonou o Escritório.

Oito dias depois o Jamir voltou ao Escritório dizendo que queria se retirar do mesmo e queria levar consigo 60% dos processos que tínhamos. Tentei argumentar que o Escritório era meu, mas ele foi irredutível.

Diante de tal situação, apesar de me sentir injustiçado, acabei fazendo um acordo com meu filho Jamir: decidi entregar todos os processos que estavam em andamento no meu Escritório. Então combinamos que ele me faria apenas um pagamento simbólico. Durante cinco anos me pagaria R\$1.500,00 por mês. Desta forma renunciei a todos os processos que estavam em andamento, cerca de oito mil, o que representava vários milhões de reais.

No dia 27 de março de 1995 recomecei tudo de novo. Com o auxílio de um funcionário de confiança, que decidiu continuar trabalhando comigo, reorganizamos o Escritório atual. Aos poucos os antigos clientes voltaram e muitos outros foram se somando e multiplicando e nosso Escritório voltou ao seu pleno funcionamento. Neste último ano, 2012, tínhamos em média sete mil processos em andamento.

Graças ao trabalho sério e eficiente executado pelos meus funcionários, o nosso Escritório adquiriu prestígio dentro da grande São Paulo. Como proprietário e diretor, além de supervisionar o andamento geral do Escritório,

concentrei meu trabalho na prestação de Assessoria Jurídica em Audiências Públicas. Por diversas vezes fui contratado por escritórios de advocacia de São Paulo para exercer esta função. Este era o meu ofício preferido”.

O Jamir poderia ter construído uma vida de sucesso, mas infelizmente, segundo informação oficial da polícia e família, foi vítima de um assalto a mão armada quando, após um jantar promovido pela Prefeitura de Diadema, estava para retomar sua moto, junto com outros dois companheiros. Um dos três jovens assaltantes desferiu quatro tiros no peito do Jamir, que veio a falecer no hospital de Diadema, cinco dias depois. Seu corpo foi velado na Câmara de Vereadores de Diadema e sepultado com muita dor por toda a família e amigos.

As circunstâncias do atentado e morte do meu filho Jamir continuam sendo um mistério. Não estou convencido da verdade da versão oficial, ou seja, da família e da polícia. Surgiram boatos de que teria sido vítima de sua ‘própria gangue’, ou, quem sabe até do PCC. A Polícia Federal, a pedidos de pessoas amigas, continuam investigando, mas, mas não se sabe se algum dia chegarão às verdadeiras causas do seu assassinato. Nos últimos meses o Jamir, que até poucos meses antes, fora um tanto arredio, passou a frequentar minha casa, quase todas as manhãs, para tomar chimarrão. Como pai, cheguei a pressentir que poderia haver algum problema, parecia que estava como que acuado. Posteriormente à tragédia, cheguei a cogitar de que ele talvez estivesse procurando abrigo e proteção. Infelizmente ele nunca se abriu, nunca me disse nada sobre os seus problemas”.

A vida é uma incógnita

2.5 - A doença da Vitalina

“Como já disse anteriormente, o maior prazer de minha esposa Vitalina era cuidar de nossa casa. Ela tinha um amor especial pelas flores e plantas do jardim. Era ela que fazia as compras no mercado. Não tinha medo de dirigir. Primeiro teve um Fusca, depois um Corcel II, mais tarde um Del Rey e por último uma Pampa verde.

Toda sexta-feira de tarde partíamos para a nossa chácara em Itapeverica da Serra. A partir de 1982 construímos uma casa de dois pisos. Mais tarde outra para a família do chacareiro e outra para os filhos – quando por ventura quisessem passar o fim de semana por lá - infelizmente, nenhum dos dois gosta de chácara e nunca foram desfrutar de tudo aquilo.



Almoço no sítio – Churrasco com amigos



A Casa do sítio – Vitalina na sacada

Nossa chácara é muito bonita, tem água corrente, pomar e horta, galinheiro e vaca de leite. Grande parte das árvores como guabijú, araucárias, pitangas, bananeiras, etc, foram plantadas pelo tio Abílio, que também me ajudou na construção da Cantina do vinho (um buraco na barranca da sanga), bem como dos pequenos açudes para peixes. Minha atividade preferida era cuidar das abelhas.



O saudoso pai entre os tios Abílio e Rosalina/1979



Tio Atílio Dalcin jogando cartas com tio Abílio

Já no final da década de noventa a Vitalina começou a ter problemas de saúde. No início a doença se manifestava sob a forma de perda parcial da visão. Um médico oftalmologista fez todos os exames possíveis e chegou à conclusão de que na verdade ela não tinha problemas ligados à visão. Por isso, pediu que a levasse para fazer exames do cérebro.

No final do ano de 1998 exames médicos constataram a existência de micróbios no cérebro, a tal de “pipoca” ou “bicho do porco”, como diziam os antigos. Infelizmente, os 51 ‘bichinhos’ alojados no cérebro, já estavam cristalizados. Diante do quadro clínico diagnosticado, os médicos descartaram qualquer intervenção cirúrgica, pois o risco de uma lesão cerebral fatal era muito grande.

E assim, com o passar do tempo, a Vitalina foi perdendo a memória. Às vezes se esquecia momentaneamente do que estava fazendo. Pouco a pouco teve que deixar de dirigir o automóvel a fim de evitar acidentes. A medida que o tempo ia passando, a situação foi se agravando, ficando cada dia mais esquecida daquilo que fazia, até a perda total

da memória e dos movimentos. Impossibilitada de se locomover, aos poucos acabou refém de uma cama, totalmente dependente.

Quem diria, minha companheira fiel em todos os momentos, tanto na alegria como na tristeza, agora prostrada num leito. Vitalina passou os últimos anos sofrendo muito, nos deixando todos penalizados e praticamente sem ter o que fazer para amenizar tanto sofrimento. Contratei duas enfermeiras para cuidarem dela dia e noite.

Durante o longo período de sua doença, poucos me ajudaram. As visitas de nossos dois filhos e dos próprios irmãos foram raras. O Jamir, por exemplo, só me lembro de uma visita, ao menos que eu tenha visto.

Mesmo doente procurei levá-la de encontro aos seus irmãos, transportando-a para o Rio Grande do Sul, sempre sob os cuidados de uma enfermeira. Durante sua longa enfermidade, sobretudo nos últimos anos, não sabíamos se ela ouvia nossas perguntas, se estava entendendo nossa fala. Era uma situação angustiante para todos. Foram seis longos anos de sofrimento para mim e para todos os que de alguma forma tinham feito amizade com ela.

Eu procurei fazer tudo o que estava ao meu alcance e entendia que se fazia necessário. Carreguei esta cruz com amor e dedicação. E se tenho algo a lamentar, diria que só lamento não poder ter feito mais por aquela que me fazia feliz e me apoiou durante tantos anos. Sem ela a vida teria sido bem mais difícil, com certeza. Agradeço muito a Deus por tê-la colocado em meu caminho. Com ela tudo era mais fácil e prazeroso.

Já há algum tempo, eu e a Vitalina decidimos construir o nosso jazigo. Ao tomar tal decisão fizemos um trato: o primeiro a falecer seria sepultado naquele jazigo e o outro ficaria no compromisso de realizar visitas mensais àquela sepultura. E assim aconteceu.



Vitalina faleceu no dia 30 de setembro de 2009 aos 69 anos de idade e foi sepultada no cemitério de São Lourenço de Itapeçerica da Serra, bem próximo de nossa chácara, onde passávamos juntos quase todos os fins de semana. Que Deus a tenha na sua glória, onde um dia, com a graça e a misericórdia divina, espero reencontrá-la”.

A vida é uma incógnita

2.6 - Andressa Gandra

“Logo nas primeiras páginas deste livro apareceu o nome de alguém que entrou em minha vida de forma inesperada e hoje posso até dizer que foi de forma providencial, trata-se de minha companheira atual, Andressa Gandra. Tudo começou com um meio acidente de trânsito, em meados de 2008.

Naquele dia, deixei o Escritório como de costume e voltei para minha casa em Diadema pelo caminho de sempre, seguindo pela rua Alda em direção a rua Japão, onde fica minha residência. Ao chegar no cruzamento, olhei para o lado e, percebendo que não vinha descendo nenhuma carro, acelerei e, no mesmo instante, voltando o olhar para frente percebi que um grupo de pessoas estava à frente do carro. O grupo era formado por Da. Sônia Gandra, mãe de Andressa, Danilo e a nora Juliana, que estava grávida, mais a Andressa e sua filhinha Camile. Pisei imediatamente no freio, mas acabei atropelando metade do grupo. Andressa, que segurava sua filhinha Camile pela mão, conseguiu voltar a tempo, porém, os demais foram derrubados ao chão, felizmente sem maiores ferimentos.

Da. Sônia, como defensora do grupo ‘indefeso’, partiu para cima de mim aos berros, chamando-me de prevaletido, de rico engravatado, que andando em carro importado não tinha piedade dos pobres... Com calma, sai do carro pedi desculpas e insisti para que entrassem no

carro a fim de levá-los imediatamente ao hospital. Depois de muita insistência Da. Sônia acompanhou a Juliana que estava grávida, até o hospital, onde, realizados os exames médicos, foi liberada em seguida, pois não tinha sofrido nenhum ferimento. O atropelamento, por sorte, não passou de um empurrão nos passantes que se apoiaram no carro.

Foi a partir deste ‘meio acidente’, diria providencial, que nasceu um mútuo comprometimento que evoluiu para uma amizade duradoura. Naquele dia dona Sônia estava desesperada, os problemas eram tantos, que até pensava em suicídio. Inteirado da precária situação em que se encontravam, me senti no compromisso de lhes prestar uma ajudinha.

Inicialmente ofereci abrigo para dona Sônia morar num puxadinho situado num canto de um terreno ocupado para estacionamento. Depois ofereci trabalho em fins de semana em minha chácara, em Itapecerica da Serra. Com o tempo, praticamente toda a família se transferiu para lá, visto que lá existe uma casa para o chacareiro e mais duas, que seriam para meus filhos. A pedido de dona Sônia acolhi numa destas casas a Andressa e sua filhinha Camille, pois, com a morte do marido estava passando por mil dificuldades.

A Andressa sempre gostou de mexer com terra, plantando verduras e cuidando do pomar, atividade recomendável para superação de muitos problemas, sobretudo de ordem psicológica. À medida que o tempo foi passando, estreitaram-se os laços de amizade e comprometimento com toda a família de dona Sônia. Aos poucos fui entregando-lhe outras tarefas, além do trabalho de fins de semana na chácara, como a supervisão dos trabalhos e entrega de material nas construções. Nos últimos tempos, supervisiona minha casa, enquanto estou fora, e controla os serviços que vão surgindo num e noutro apartamento

de um prédio de minha propriedade, nas proximidades de minha casa em Diadema.

Alguns anos após a morte de minha esposa Vitalina, me sentia bastante sozinho. Meu filho Jamir, que nos últimos tempos antes de sua morte vinha me visitar frequentemente, sobretudo pela manhã, quando tomávamos chimarrão juntos, já não estava aí para trocarmos idéias e conversarmos sobre a vida. Foi então que algumas pessoas amigas se apresentaram como cupido. Assim conheci algumas pessoas com quem tentei iniciar uma amizade mais profunda e comprometida. Houve um tempo em que tive cinco pretendentes, duas do Rio Grande do Sul, uma das quais já nos conhecíamos desde os tempos de juventude. (Isso foi antes de iniciar o namoro com a Vitalina. Essa, na verdade era metida a chique e fazia pouco caso de mim. Agora fui eu que não a quis, pois percebi que estava muito interessada nas minhas posses). Até que procurei conhecer e conviver algum tempo com duas delas, mas uma era muito brava, queria mandar em mim e outra era muito relaxada. A verdade é que não tive coragem de assumir compromisso sério com nenhuma delas.

Durante este tempo todo, nos fins de semana, dona Sônia continuava a me acompanhar até a chácara, onde sua filha Andressa morava juntamente com sua filhinha Camille. E assim, aos poucos, fomos criando laços de amizade cada vez mais intensos entre eu e a Andressa, até que por fim, decidimos morar juntos.

Descobri que a Andressa não é uma pessoa qualquer. Ela tem um coração maravilhoso. Ela é capaz de se sacrificar pelos outros e, apesar de passar por tantas tragédias, como o assassinato do seu marido, não é uma pessoa derrotada, mas lutadora, disposta a construir família. A bem da verdade, nossas vidas tiveram uma trajetória diferente. Ela é bem mais jovem, eu vivi num outro tempo,

tive outras origens, contudo, nós nos aceitamos assim. O mais importante é que nos queremos bem e fazemos o possível para que cada um se sinta feliz. Ela me conforta e me ajuda nos momentos difíceis, assim como eu a ajudo nos momentos de ansiedade e dificuldades.

Quando sofri a última tentativa de sequestro estávamos na chácara, eu, dona Sônia, a Andressa e a Camile. Foi uma experiência terrível.

Infelizmente ninguém de minha família - netos, noras, filho, etc – se interessou pelo caso. Ninguém se preocupou comigo, não recebi nenhum apoio ou ajuda deles. Depois do assassinato de meu filho Jamir eu comprei um carro através de um de meus netos, que me exigiu contrato e nota promissória. Provavelmente pensando que eu lhe poderia negar o pagamento. Tal desconfiança me feriu muito, pois, eu que tinha vendido dois carros para o Jamir, seu pai, acabei nunca recebendo o devido pagamento e nem por isso reclamei. Eu sempre procurei ser justo, nunca deixei de pagar alguém.

Por outro lado, a família de dona Sônia Gandra se mostrou muito solícita, todos se preocuparam comigo, me deram amparo, me prestaram a devida assistência. Num momento como este, de um sequestro, a gente precisa de um ombro amigo, de alguém que partilhe conosco a incerteza e o medo.

Por isso tudo, não estou arrependido de ter assumido este compromisso familiar com a Andressa. Na medida de minhas possibilidades a ajudo na educação de sua filha Camile e pago os seus estudos na melhor escola de nossa cidade.

A partir do momento em que decidimos viver juntos realizamos algumas viagens por este mundo a fora. Primeiro visitamos minha mãe, dona Ledízia, em Cascavel. Depois fomos para a Inglaterra, Itália, Grécia, Turquia.

Neste ano, estivemos na Argentina e no Chile. Andressa é uma boa companhia, está sempre disposta, por isso pretendemos viajar muito mais, sempre que for possível.

Posso afirmar que a Andressa é meu braço direito, me ajuda em tudo e, acima de tudo, é pessoa em quem posso confiar. Sei que posso contar com ela para o que der e vier. Infelizmente não posso dizer o mesmo com relação aos meus familiares de São Paulo. Não era este o destino que eu esperava, mas as circunstâncias me obrigaram a viver longe de Diadema, a cidade onde consegui progredir e me realizar como profissional do Direito. Por isso digo mais uma vez de que ‘a nossa vida é de fato uma incógnita’.

A vida é uma incógnita

2.7 - Um grande amigo

“Tive e tenho muitos amigos. Sem eles minha vida seria muito difícil. Agradeço a Deus por tê-los colocado no meu caminho. Mas quero registrar neste livro o nome de alguém, que além de meu sobrinho, se tornou meu grande amigo. Trata-se do Dr. Jair Tognon.

O Dr. Jair, médico competente no seu ofício, é daquele tipo de pessoa que deixa qualquer um à vontade. Ele trata a todos com a mesma atenção e delicadeza. Por isso mesmo, o Dr. Jair é muito estimado na cidade de Tapejara e em toda a região.

Devo muito a este amigo e companheiro sempre presente e atencioso não somente nos momentos de alegria e saúde, mas também nas horas da doença e das dificuldades. Para mim o Dr. Jair Tognon é um exemplo de honestidade e de companheirismo. A ele, deixo aqui registrado o meu agradecimento por tudo o que tem feito pela minha pessoa. Faço votos de que o Dr. Jair Tognon seja muito feliz em todos os sentidos. Que Deus o abençoe e proteja.”

A vida é uma incógnita

2.8 - Os últimos acontecimentos

“A partir de agosto de 2012, com a minha mudança para uma cidade do Sul, entreguei o escritório “Zanatta Assessoria Jurídica” para cinco funcionários de minha inteira confiança. Todos eles tinham mais de dez anos de trabalho comigo. Fiz uma parceria com eles: no final de cada mês eles me enviam uma quantia fixa em dinheiro e o restante do resultado líquido do Escritório é repartido entre eles.

Quero registrar aqui o nome destes cinco funcionários que se destacaram pelo trabalho sério, honesto e competente no escritório “Assessoria Jurídica Zanatta” de Diadema:

- a Dra. Elda Matos Barbosa, pessoa de minha inteira confiança. Ela administra praticamente todos os meus bens e negócios³².

- a Dra. Edena Matos Barbosa, muito inteligente, responsável pelo controle do Arquivo dos Processos em andamento.

- o Dr. Adriano Augusto Montagnolli

- o Dr. Eder Aguirres Eugênio.

- e a Dra. Cibele Figueiredo Borges Manetti.

Na entrada do meu Escritório sempre mantive um escrito com os dizeres: “Diga sempre a verdade e somente

³²Entre salas, casas, apartamentos, terrenos vazios e o sítio, são mais de cinquenta imóveis. Tenho investimentos fora de São Paulo, construções em andamento e um bom rendimento. Não devo nada a ninguém, nem mesmo para Receita Federal. Minha despesa com Imposto de Renda é superior aos R\$50.000,00 por mês.

a verdade”. Todos os clientes, já na primeira entrevista, são orientados neste sentido. Meus funcionários sempre respeitaram este princípio e seguiram minhas orientações, o que, infelizmente não tem acontecido com meus filhos. Aliás, estes funcionários têm qualidades que eu sempre desejei que meus filhos tivessem: honestidade, humildade, reconhecimento, dedicação à causa de cada cliente como se fosse sua.

Às vezes me pergunto: “Por que será que estes funcionários, depois de tantos anos, ainda continuam trabalhando em meu Escritório? E saber que nunca tive motivos para me queixar de nenhum deles. Estes cinco funcionários são tão eficientes e honestos que, diria, nem os mereço ter. Eles são uma dádiva. E o mais interessante, em todos estes anos que trabalham comigo, nunca pediram aumento, sempre lhes dei espontaneamente.

Espero que esta equipe de funcionários continue trabalhando unida. Que ninguém queira se sobressair e menosprezar os demais. Que superem as pequenas divergências, que fazem parte da caminhada. Que não se deixem dominar por ciúmes, inveja e orgulho. Que continuem atenciosos e solidários uns com os outros. Que compreendam que o sucesso do grupo depende da humildade, da colaboração e da boa vontade de todos. Pelo bem do grupo, às vezes se faz necessária alguma renúncia, algum sacrifício. O lema a ser seguido é sempre o mesmo: “Cada um dá tudo de si pelo bem de todos e todos unidos pelo bem de cada um”. Caso contrário a casa cai.

Lembro agora de um fato acontecido numa universidade americana. Na década de setenta, alguns alunos sugeriram ao professor que fizesse a experiência comunista em sala de aula. A proposta era de que o conceito final seria o resultado da soma das notas de todos os alunos. Para tanto, todos os alunos deveriam dar o máximo de si e, as-

sim, os menos ‘favorecidos’ pela inteligência seriam ‘ajudados’ pelos mais prendados. No primeiro trimestre houve um contentamento da maioria que viu seu conceito subir, beneficiado pelo resultado positivo dos mais ‘prendados’. Porém, no segundo trimestre a média geral baixou muito, pois, os mais relapsos estudaram menos ainda, confiando no bom resultado dos mais ‘prendados’ e estes, na verdade, os mais dedicados, os mais estudiosos, chegaram à conclusão de que não valia a pena tanto esforço em benefício dos acomodados. E assim, o aproveitamento ao longo do tempo foi caindo tanto que no final do ano todos acabaram sendo reprovados. Que este fato sirva de alerta para que ninguém se deixe vencer pela acomodação. Na minha terra natal existe um ditado interessante: “Quem poe ovos em ninho de tico-tico é chupim”. Espero que no meu escritório ninguém se torne chupim.

Meus funcionários conhecem e assimilaram tão bem o meu sistema de trabalho que, agora, mesmo estando longe, vão tocando por conta. No caso de alguma dúvida eles me consultam via fax ou por telefone. Uma vez por mês viajo a São Paulo para assinar o que for preciso. Posso dizer, sinceramente, que a Assessoria Jurídica Zanatta está em boas mãos.

Espero que ninguém se deixe vencer pela maldita ‘acomodação’. Quem não se esforça, quem não se preocupa em fazer bem todas as coisas, acaba prejudicando o grupo todo. Por isso, nada de trapaças, de falsidade. Essas coisas acabam contaminando e prejudicando a todo o grupo. Perde-se a confiança mútua, base de todo trabalho em equipe. A confiança mútua é a peça fundamental, a alavanca do desenvolvimento.

Faço questão de registrar que a maioria dos vinte e cinco funcionários de meu Escritório começou a trabalhar como office-boy. Quando eu percebia que alguém era ho-

nesto, dava-lhe apoio e ajuda financeira afim de que prosseguisse em seus estudos, até completar a faculdade. Desta forma consegui formar uma Equipe realmente confiável. Um dos melhores funcionários que tenho chama-se Antônio. Quando entrou no Escritório era pedreiro. Ele, mesmo não tendo cursado nenhuma faculdade, é imbatível na montagem inicial de todos os processos da Área do Direito do Trabalho³³.

Minha secretária, a Dra. Elda, começou como office-girl. Fez vestibular para Direito na Universidade São Francisco, e depois de concluir a Faculdade e se formar advogada, sempre controlou o meu financeiro, nunca achei uma diferença na prestação de conta. Ela é atualmente a administradora do meu Escritório. Todos os meus bens estão em suas mãos. Trabalha comigo há vinte anos. É ela que controla as minhas contas no banco, paga impostos, administra os aluguéis, etc. Tenho plena confiança no seu trabalho. Com ela tivemos uma filha de nome Paola Matos Barbosa, nascida no dia três de janeiro de 2.000. Paola é uma filha muito querida, nunca me pediu nada, só procurei compensar a mãe dela com bons salários e uma participação de 18% dos rendimentos do Escritório. Também comprei para ela um sítio em Juquitiba, São Paulo. Mas ela, depois da separação, foi para o Cartório e me devolveu a escritura. Até hoje, depois da última tentativa de seqüestro, é ela que controla os meus negócios.

Diversos advogados, que estagiaram ou trabalharam em meu Escritório são hoje juízes, outros montaram o seu próprio escritório e estão tendo sucesso. Assim, por exemplo, os sobrinhos Adélcio Miola, muito bem sucedido, e o Dirceu Scariot, ambos advogados.

O Dr. Adélcio Miola gosta muito de viajar, é um bom

³³Comigo o Antônio sempre foi fiel. Recentemente, soube que o mesmo foi aliciado por outro Escritório de Advocacia, abandonou nosso Escritório e moveu uma ação contra o mesmo.

companheiro. Certa vez, depois de visitar a Basílica onde está sepultado São Francisco em Assis, decidimos mandar rezar umas missas na intenção do meu pai, do Carlão, da Vitalina, do tio Abílio e dos meus dois irmãos falecidos. A irmã encarregada de tal ofício, após anotar os nomes falou: “Sonno cento e ottanta euri”. Com isso reduzi o número das pessoas falecidas pela metade e o Adélcio desistiu. Depois disto, resolvemos descer a pé até a igreja de Santa Maria dos Anjos, onde no seu interior se encontra a igreja-nha chamada Porciúncula, reconstruída pelo santo.

Ao chegarmos à Basílica, fazia um calor danado. Então, depois da visita ao interior da igreja, vimos quatro pessoas jogando ‘Tré Sete’ debaixo de umas árvores, ao lado de um bar. Sentamos também, junto a uma das mesas, e pedimos que nos trouxesse um salame, um queijo e um litro de vinho branco. Acabado o vinho mandamos vir mais um litro. Então, de repente, os quatro pararam de jogar carta e, calados, ficaram nos olhando com estranheza. Um deles disse: “Ma che esgionfooonni!”



Pão, salame e vinho em Assis



No hospital em Roma

Em setembro de 2007, enquanto estávamos visitando os monumentos da Roma Antiga, como o Coliseu e o Panteão Romano, chegamos à Fontana de Trevi. Cansado de tanto caminhar, sentei numa barra de ferro que tinha em volta da fonte. Nisto uma senhora passou sem cuidado e, batendo em mim, me derrubou de costas. Levantei, mas mal podia andar, de tanto que doíam minhas costas. Então prontamente uma ambulância me levou para um hospital onde fui muito bem atendido. Imediatamente passei pelo Raio X, onde tiraram 12 chapas. Perguntei ao médico se tinha tido alguma fratura, se tinha quebrado alguma costela, pois doía tanto que era difícil andar. O médico me tranquilizou dizendo que não tinha nenhuma fratura, mas recomendou que permanecesse em repouso no hospital. Então eu falei: Já que não tive nenhuma lesão, prefiro voltar para o hotel.



Depois que o médico se retirou, o Dr. Miola me ajudou a fazer alguns exercícios e senti que a coluna foi para o devido lugar. Ele me prendeu pelos ombros e, firmando o joelho contra minhas costas, deu um golpe seco para trás e a partir de então, passei a me sentir melhor. Dai falei para ele: não perca tempo, já são 14,00 horas, vai passear que daqui a pouco eu pego um taxi e retorno para o hotel onde ficarei em repouso até você voltar. E ele se foi, retornando lá pelas 22,00 horas.

No dia seguinte levantei um pouco dolorido, mas logo normalizou e voltamos a passear pela velha Roma.

Noutro dia fomos para Grottaferrata comer a ‘porqueta assada no forno’. Depois de tomarmos dois litros do bom vinho italiano, ficamos um pouco tontos. Ao lado do restaurante uns bancos à sombra de umas árvores nos convidaram para uma soneca. Deitamos e adormecemos em seguida. Lá pelas tantas acordamos rodeados de gente que comentava: Ma che gente é questa, non sono dei nostri! Ma, si adonaram-no delle nostre banche? Ainda um pouco tontos e constrangidos, dissemos que éramos netos de italianos, vindos do Brasil. E tudo acabou numa boa... e dali voltamos para Roma.

Noutra oportunidade, ainda em companhia do Adélcio, sentamos em frente a um restaurante, numa rua, próximo a Estação Termine, em Roma. Depois de saborearmos um delicioso prato de “macarroni ai funghi”, perguntei ao dono: “Ascolta, voglio acquistare il vostro ristorante. Per favor, quanto costa? O homem baixou a cabeça, entrou no restaurante e depois de uns cinco minutos se achegou perto de nós e, chorando, disse: “Ma, per carità, come posso vendere il ristorante dei miei tataranonni?”

Por falar em comida, tenho outra para contar. Em São Paulo fiz amizade com um italiano de nome ‘Ottorino’, que tinha um irmão em Grottaferrata, próximo de Roma. Sabendo seu Ottorino que eu iria para Roma em seguida, me deu o endereço e telefonou para o irmão, avisando que dois brasileiros haveriam de chegar por lá para uma visita. Pois chegamos e eles nos prepararam um almoço minguaado: Os dois pratos já vieram prontos, servidos. Era pouco. Desta vez quem estava comigo era o Augusto Gambatto, gordo e comilão. A visita foi breve. Ele morava no sexto andar de um prédio próximo ao rio Tibre. Finalizado o almoço, não tendo muito assunto para continuar e em

respeito à tradicional cesta dos italianos, nos despedimos, descemos e, ao chegarmos na rua, o Gambatto logo foi dizendo: “Continuo com fome, vamos comer alguma coisa? Entramos no primeiro restaurante e nos pusemos a almoçar de novo. Dalí a pouco chegou o filho do irmão do Ottorino, que já tinha almoçado conosco e, sem cerimônia, sentou-se à mesa conosco. Começou a comer como um morto de fome. Até para ele, em sua própria casa, a comida fora pouca. E o mais estranho: comeu, comeu, levantou-se e foi embora sem perguntar se devia pagar alguma coisa. Êta, italiani finóri! Ou quem sabe ele achou justo compensar desta forma.

No ano passado, quando eu e a Andressa chegamos à Veneza, depois de deixarmos nossas malas no hotel, embarcamos naquele barco que transporta as pessoas pelo Canal Grande até a Piazza San Marco. Era meio-dia. Pela praça tinha gente de todo tipo, alguns tocando violino, outros tirando fotos e muita gente comendo e bebendo, alguns de pé, outros sentados pelo chão, enquanto algumas mesas permaneciam vazias.





Setembro de 2011, com Andressa na
Praça São Macos – Veneza

Então decidimos comprar um sanduíche com bebida e, apontando com o dedo, pedimos que nos levasse até uma daquelas mesas vazias. Depois de comer tivemos que pagar quase trinta euros a mais só porque estávamos à mesa. Às vezes a gente se mete em cada fria.

Caminhando sempre pelas ruas da encantadora Veneza, ao anoitecer vimos uma fila de mesas às margens do canal e decidimos nos sentar para descansar e apreciar todo aquele clima lindo, romântico. Logo que sentamos à mesa, chegou um garçom perguntando pelo que queríamos comer. Dissemos que gostaríamos de uma sopa de “capelletti”. E o que mais? Continuou o garçom. Nada mais, por enquanto só isso, respondemos prontamente. Então podem ir embora, não temos tempo a perder. Não vale à pena. Vivendo e aprendendo.

Veneza é uma cidade que atrai milhares de turistas de todas as partes do mundo. Tem gente que enfrenta filas enormes só para subir até o alto da torre do campanário,

com seus 96 metros de altura, enquanto outros, tendo sorte, conseguem licença para subir até o alto da torre do famoso relógio, construído no final do século XIII.



Piazza San Marco, vista do alto do relógio sobre o qual nossos antepassados tanto falavam.

A grande maioria se contenta em visitar a basílica San Marcos, o Palácio dos Doge e tirar fotografias alimentando os pombos que pousam sobre os ombros e até na cabeça das pessoas. Ali perto, numa das ilhas, se fabrica, ainda hoje, os melhores cristais do mundo”.

A vida é uma incógnita

2.9 - As quatro tentativas de sequestro

“Que São Paulo é um lugar perigoso de se viver - devido aos inúmeros assaltos, roubos e sequestros - não é novidade para ninguém. Em Diadema, parte da grande São Paulo, não é diferente. Nossa casa foi assaltada muitas vezes, até perdi a conta, talvez umas quinze a vinte vezes os ladrões entraram em nossa casa. A maioria foram pequenos assaltos e roubos de pouca importância. Porém, sofri quatro tentativas de sequestro:

- A primeira aconteceu numa manhã: Quando cheguei à garagem dos carros, os bandidos já estavam me esperando. Comecei a gritar, a gritar e, como o portão é de grade de ferro possibilitando a visão de todos os que passam pela rua, juntou muita gente na frente da casa e os bandidos desistiram de me levar.

- Da mesma forma aconteceu na segunda tentativa de sequestro. Fiz de conta que tinha desmaiado e eles concluíram que seria complicado me levar embora, mesmo porque algumas pessoas que passavam pela rua, percebendo a situação, começaram a gritar. Lembro que eram dois encarapuçados, um portava um revólver calibre 38 preto e o outro uma arma pesada coberta por um pano.

- Na terceira tentativa escapei por acaso. Eu costumava voltar para casa almoçar sempre às 12 horas. Na-

quele dia me deu um palpite de conversar com meu amigo José Carlos, proprietário de uma funelaria (chapeação de automóveis). Fiquei por lá, conversando durante uns 45 minutos. Quando cheguei em casa, encontrei a empregada e a enfermeira - que cuidavam de minha esposa Vitalina doente - trancadas num quarto. Segundo o que soube depois, seis bandidos chegaram em dois carros: uma Dublo Fiat e outro carro pequeno. Um deles apertou o interfone dizendo que era alguém do Correio. Assim, entraram e ficaram me esperando por meia hora e depois foram embora, deixando as mulheres trancadas. Quando cheguei fazia cinco minutos que tinham ido embora. Desta vez me escapei por pouco! Mas um fato estranho me chamou a atenção: logo que cheguei à Delegacia de Polícia para dar parte, lá chegou, junto, também o meu filho Jamir. Até hoje me pergunto como foi que ele soube tão depressa do que tinha acontecido?

- A quarta tentativa de sequestro aconteceu no meu Sítio, em Itapecerica da Serra. Como de costume, naquela sexta-feira de tarde fui, juntamente com a Andressa Gandra, minha companheira, e sua mãe, dona Sônia, até o sítio. Na madrugada do sábado, por volta das 5 horas do dia 12 de junho de 2012, entraram no sítio 12 pessoas encapuzadas, todas armadas. Arrombaram a porta e entraram perguntando por mim. Era uma noite quente, encontraram-me deitado no sofá da sala e não me reconheceram. Um deles, apontando uma arma engatilhada, me fez uma série de perguntas, enquanto os demais vasculhavam a casa. Por duas vezes, o que apontava a arma puxou o gatilho, sem que a arma disparasse. Minha companheira Andressa e sua mãe Sônia acordaram apavoradas. Finalmente alguém falou de que tinha encontrado o bastante para esta ocasião: eu tinha deixado o cobre Kemil aberto, com R\$120.000,00 dentro

de um envelope. Dinheiro que por não ter tido tempo de depositar no bando, casualmente levei junto comigo naquela tarde anterior. Talvez esse dinheiro tenha sido a minha salvação. E os doze encapuzados se retiraram dizendo que algum dia voltariam. Nós três ficamos em estado de choque, traumatizados.

No mesmo dia, 26 de junho de 2012, fizemos o Boletim Circunstanciado na Delegacia Policial Embu das Artes e, depois, levamos o Boletim na Delegacia de Diadema. Enquanto eu conversava com a Investigadora, minha funcionária Sônia foi abordada por policiais que comentaram: “Mas e você não sabia que ele estava com todo este dinheiro e por que não pegou?” Então ela, com certa desconfiança, deu um pouco de trela para ver no que daria e eles chegaram a propor um acordo: “Você nos ajuda a tirar dinheiro deste ricoço. Você nos dá as coordenadas e, do que levantamos, você fica com 20%”. Quem falou com ela, se apresentou como amigo de meu filho, assassinado em 2010. Por isso, chego à conclusão de que nos dias de hoje somos uns bonecos diante das forças de segurança que temos. De que adianta pagar setenta mil de impostos por mês e não poder contar com segurança alguma?

Logo que pude entrei em contato com meus filhos e netos, mas ninguém deles me procurou para ver se precisávamos de ajuda psicológica e apoio moral. Até pareceu que eles pouco estavam ligando com o que nos aconteceu. Diante disso, desiludido desta vida perigosa, não tendo apoio nem sequer de meus familiares de São Paulo, sem saber em quem mais confiar, decidimos nos mudar para um local mais seguro³⁴.

Ultimamente meu filho e netos em São Paulo não perdem oportunidade para aliciar meus funcionários,

³⁴Em anexo, Documentação do B.O. de 23.06.2012, relativa a esta última tentativa de seqüestro.

tentam convencê-los a não mais trabalharem no meu Escritório. Parece até que estão com raiva de mim e torcem pela minha ruína. Em fim, sinto-me perseguido pelos de minha própria família.

Quando aconteceu o assassinato do meu filho eu agi de forma bem diferente. Naquele dia 22 de julho de 2010, às seis horas daquele domingo de manhã, eu estava no sítio quando recebi o telefonema do Dr. Dirceu Scariot comunicando que meu filho Jamir tinha sido baleado na noite anterior e que o mesmo se encontrava no Hospital. Ao receber a triste notícia, fui correndo para Diadema dirigindo-me ao Hospital Sancil. Fiquei intrigado porque ao chegar ao hospital, a esposa e filhos do Jamir não queriam me deixar entrar. Assim, só consegui ver meu filho três horas depois. Infelizmente meu filho Jamir estava em coma e o médico, chegando naquele momento, me falou que tinha sido atingido por quatro tiros de balas dum-dum e que por dentro estava tudo destruído. Então, insisti para levá-lo para outro hospital com mais recursos, mas não fui atendido.

Depois de visitar o meu filho no Hospital SANCIL, pedi junto à família pelo ‘B.O.’ e, somente três horas depois o dito ‘B.O.’ me foi apresentado. Logo deduzi que o mesmo tinha sido redigido naquele momento, pois o mesmo não fazia nenhuma referência quanto à hora em que o mesmo fora redigido. Telefonei para a esposa dele, dona Sônia Zanatta, falei que era necessário apurar as circunstâncias do crime, mas ela disse simplesmente que fora vítima de um assalto. Até hoje, quase três anos depois, as circunstâncias do assassinato do meu filho continua uma incógnita, um mistério. Eu ainda espero que algum dia a polícia consiga desvendar este mistério: saber quem foram os mandantes do crime e as razões que motivaram esta desgraça”.

A vida é uma incógnita

2.10 - O sonho do primo Arcide

“Um dos meus sonhos – confidenciou o primo Arcide - é passar minha experiência de trabalho como advogado para um parente chegado: filho, neto ou bisneto. Infelizmente, até agora não consegui passar adiante esta herança maior, superior a todos os bens que possuo.

Essa herança, eu diria que não tem preço. Nos meus 40 anos de Assessoria Jurídica descobri que alguns procedimentos, às vezes muito simples, são essenciais para o bom desempenho e o sucesso nos processos jurídicos. Infelizmente, na maioria das vezes, nada disso é ensinado nas Faculdades de Direito.”

E o seu Arcide, depois de uma pausa, acrescentou:

“Tenho um recado importante para passar à nossa juventude. Percebo que a maioria dos jovens atua na base da improvisação. São imediatistas, não tem paciência, não sabem o quanto é importante um bom planejamento. Planejamento exige tempo para pensar, avaliar, repensar e decidir. Sem planejamento os riscos de ser mal sucedido, de fracassar, são bem maiores. Os jovens não têm paciência, querem resolver tudo prá já. Talvez o mundo da informática dos últimos anos tenha contribuído para que isso aconteça. Contudo, volto a dizer que sem planejamento é muito mais difícil de alcançar resultados positivos, de se ter sucesso na vida.

Vejo que os jovens pouco se importam em agir de forma correta, agem sem se perguntar se o resultado vai ser positivo ou negativo. Não adianta fazer por fazer, sem se preocupar com a imagem que vai construir perante a sociedade, ou construir por construir, sem se preocupar com as exigências de segurança e bem estar, se preocupando somente com o lucro, com vantagens econômicas imediatas. Às vezes tal precariedade acarreta prejuízos posteriores. Por isso eu digo que é preciso planejamento a longo prazo. Para se ter sucesso tudo deve ser planejado.

Eu sempre agi com planejamento e não perco tempo. Não tenho pressa para que meus projetos levem a um bom resultado. Não me precipito, estudo muito antes de tomar qualquer decisão. Se necessário estudo a situação durante meses e tenho sempre acertado. Na vida, o mais importante não é a palavra, às vezes se faz necessário esperar e, após analisar por todos os ângulos e pontos de vista, tomar a decisão mais acertada. É importante que a palavra final seja o resultado de uma avaliação acertada. Nem sempre se decide pelo melhor, porém, quem não se precipita, tem maiores chances de acertar.

Digo aos jovens: nunca percam a esperança, façam tudo para acertar. Agindo assim, tereis sempre a consciência tranqüila, pois, mesmo que alguma vez a gente se engana, resta o consolo de que, fizemos com empenho e boa intenção em acertar, em fazer sempre o melhor.

O recado que eu gostaria de passar à juventude é sobre a importância de contar com a experiência e o conhecimento de quem já teve êxito. Não desprezem a sabedoria e a experiência dos mais velhos, especialmente dos seus pais. Todo filho que despreza e maltrata seus pais não terá final feliz. O bom entendimento entre pai e filho produz felicidade e realização para ambos. É muito triste quando um filho guarda rancor, raiva e não trata bem o pai e a mãe.

É muito importante agirmos com retidão e valorizar quem merece. Eu, pessoalmente, não me arrependo do que fiz, porque sempre agi com boas intenções. Se tivesse que começar tudo de novo, agiria da mesma forma, faria tudo novamente o que fiz até a presente data. Meus filhos podem pensar o que quiserem de mim, mas podem ter a certeza de que fiz sempre pensando no melhor por eles. Meu maior desejo como pai é de que meus filhos sejam felizes.

Com isso não estou dizendo que os filhos precisam imitar os seus pais. Eles não são obrigados a fazer tudo da mesma maneira, mesmo porque a cada dia surgem novas técnicas, novos caminhos. Diria que as novas gerações têm condições e a obrigação de aprimorar tudo o que os seus antecessores fizeram. Contudo, os primeiros passos devem ser dados com a ajuda dos pais. Com isso quero dizer que os filhos só têm a ganhar dando um voto de crédito aos seus pais. A partir da experiência e do exemplo dos pais, os jovens podem partir com maior segurança na construção de um mundo melhor ao seu redor. Infelizmente, alguns jovens menosprezam os mais idosos, quando o ideal seria unir as diferentes gerações. Unir experiência com vigor.

Se filhos e pais buscassem um maior entrosamento, troca de idéias, de experiência, de conhecimento, tudo seria mais fácil, haveria crescimento, progresso, avanço. Quando não acontece um bom entrosamento entre a nova e a antiga geração, o conhecimento acumulado não segue adiante, é desperdiçado, fica sem retorno.

O maior valor que uma família pode conquistar é o 'bom nome'. A construção do bom nome, do respeito perante a sociedade não é uma conquista fácil. Levasse uma vida toda para construir um bom nome e, num instante, tudo pode cair por terra. Uma vida correta, pautada pela justiça e honradez faz com que uma pessoa fique como exemplo na história, enquanto que o mal praticado por al-

guém, além de prejudicar a si próprio, faz com que o autor seja desprezado. Às vezes as más ações de alguém anulam o bom nome de seu antecessor. São necessários muitos anos de vida honesta e correta, para se conquistar um bom nome, enquanto que bastam alguns minutos de desonestidade para acabar com tudo. Um ato desonesto põe por terra uma vida inteira de honestidade.

Às vezes topamos com pessoas que querem impor suas ideias, tentam convencer através de palavras e conhecimentos teóricos, mas, se você observar o seu passado vai descobrir que pouco ou nada construiu, deixando maus exemplos, que não merecem ser seguidos. Portanto, devemos analisar com cuidado com quem estamos lidando, se com seu modo de agir contribuiu ou não pelo bem dos outros. Não podemos ficar com a primeira impressão, temos que avaliar com critérios e, muitas vezes em silêncio, sem interferências, conferindo várias vezes antes de chegar a uma conclusão. O exemplo dos pais deve ser levado em conta, caso contrário, acabaremos agindo segundo o pensar de muita gente que não têm escrúpulos, que só pensa em levar vantagem a qualquer custo, pouco se importando com honestidade. Infelizmente esta é a maneira de pensar da maioria da classe média. Do jeito que as coisas andam, da forma como muitas pessoas agem não se pode esperar um mundo de paz e prosperidade. Vivesse num clima de guerra, onde quem pode mais chora menos, pouco se lixando com os que sofrem. Desta forma não construímos, mas sim nos destruimos e, diante disso, o que podemos esperar para o dia de amanhã?

Quem erra tem que pagar pelos seus erros, caso contrário nunca vai aprender o caminho da verdade e da retidão. Quem não reconhece seus erros não tem conserto. Perante meus filhos tenho fama de ser um pai exigente e enérgico. Eu sempre dizia que era exigente sim, porque a

deslealdade e os maus exemplos não levam a nada. Meus dois filhos me isolaram de seus amigos porque queriam que eu entrasse na desonestidade deles. Se eu os apoiasse em seus atos, com certeza, eu seria para eles, o melhor pai do mundo. Mas eu nunca aprovei.

Estou convencido de que a boa conduta e a honestidade sempre conduzem as pessoas ao sucesso profissional. É a coisa mais triste ter um filho que vive falando para todos de que o pai é exigente e não atende ... Eu nunca atendi um cliente pensando 'com este vou ganhar tanto' e nunca cobre por uma consulta. Nunca enganei um cliente com falsas promessas ou causando-lhes prejuízos. E nunca cobrei honorários ao cliente por uma 'causa' perdida, porque o cliente ao perder uma causa, geralmente tem que pagar a parte contrária. O dinheiro para mim não é tudo. Sempre deixei o controle das entradas e das despesas sob o cuidado dos meus funcionários, preocupando-me somente com o resultado final. A confiabilidade é importante em todos os setores de qualquer trabalho em equipe.

Apesar de ter tido muitos problemas com meus pais, eu sempre relevei e não guardei mágoa. Penso que se eu guardasse mágoa contra meus pais eu não seria feliz completamente, porque, afinal, é a eles que eu devo a minha vida. Por isso, sempre procurei dar-lhes o máximo de alegria e felicidade. Quando um filho deixa o pai infeliz, fazendo-o sofrer a ponto de levá-lo à morte, que direito tem sobre a sua herança? O pai pode errar, mas o filho deve sempre perdoar, como eu fiz e isto me dá o direito de sucesso feliz. Sucesso é conseguir o que você quer. Felicidade é querer o que você conseguir.

O importante é pensar direito, de forma correta, e isto só não aprende quem não quer ver o que é torto e errado. No mundo de hoje as novas descobertas realizadas pelas ciências, logo acabam se difundindo pelo mundo. Por isso

você deve estar alerta diariamente, para ter sucesso. Só não tem sucesso quem não quer. O sucesso exige que cada um se especialize naquilo que faz, aprimorando-se todo dia. A faculdade da vida nos ensina que só tem sucesso quem praticar o certo, o justo para todos. Quem almeja ter sucesso na vida, não pode ter vícios, pois estes desnorream a vida e te conduzem mais cedo ou mais tarde ao fracasso.

Muitas coisas que desejamos são apenas instrumento para alcançar o intangível. Definir metas é fazer diferença em nossa relação com o tempo, é o caminho para fazer mais com o menos.

Para entender os acontecimentos da sua vida, você precisa avaliar as crenças que estão moldando o seu comportamento. Para mim não tem sucesso e nunca será feliz quem não dedica tempo para avaliar sua própria conduta. Precisamos distinguir o certo do errado e nunca persistir no erro. Definir seu objetivo de vida é essencial para que você consiga atingir o que pretende no futuro. Se você não sabe onde está, como terá condições de chegar há algum lugar?

A primeira imagem é a que fica. Nunca podemos perder a primeira oportunidade, pois nunca mais teremos outra chance.

Devemos estar atentos porque quem controla uma conversa não quem fala e sim quem escuta. Ao falar devemos escolher as palavras certas, de tal forma que causem boa impressão. Quanto maior sua habilidade para solicitar, maior será o seu poder para conseguir o sucesso. A verdade leva sempre ao resultado positivo. Devemos sempre ouvir o semelhante e pensar no que ele fez no passado.

Pessoalmente, preferiria não dar opinião, porque é mudar o rumo das coisas, mas gosto de orientar as pessoas, depois cada qual faz o que mais lhe convier, aproveita se quiser. Não adiante forçar as pessoas. Cada um tem a sua caminhada.

Os conhecimentos adquiridos em cursos de especialização ajudam, mas o importante é selecionar o que traz resultados positivos e gostar do que se faz. Os conhecimentos adquiridos na faculdade devem ser aperfeiçoados pela experiência do trabalho no nosso dia-a-dia.

Considero a confiança mútua um valor precioso. É tão bonito ser confiável! Quando se é confiável, tudo se torna mais fácil. O que vive ao teu lado sabe que não será decepcionado. E assim, as oportunidades se multiplicam.

Todo idoso que tem um passado honrado, sempre dá o melhor de si para quem procura sua orientação. Pena que grande parte da juventude não pensa assim. Muitos jovens tratam os idosos com desdém e, até ridicularizam qualquer conselho. Em alguns países, como no Japão, os idosos são respeitados e valorizados muito mais do que em nosso país. É uma pena.

Quero concluir repetindo o que já disse acima: “para quem confia e valoriza a sabedoria dos idosos, as oportunidades de ser bem sucedido na vida se multiplicam.”

A vida é uma incógnita

Concluindo

Gosto de valorizar as pessoas que me levam a sério na vida e não vivem de aparência. Aprecio a verdade e não gosto de conviver com pessoas que distorcem a verdade.

Olhando para trás, chego à conclusão de que nem sempre acertei, mas se tivesse que fazer tudo de novo, faria novamente, porque sempre tive boa intenção. Hoje sou uma pessoa feliz e não guardo mágoas de meus pais, pois sei que eles fizeram tudo pensando sempre no melhor para mim e para os meus irmãos.

Vivo cheio de alegria e quando acordo de noite me invade um sentimento de paz, porque cumpro com minha obrigação. Em relação aos meus filhos, me sinto triste porque não seguiram o caminho que lhes indiquei. Infelizmente sempre houve um distanciamento entre eles e eu. Eles preferiram não seguir o meu exemplo, e pouco se comunicavam comigo. Conseguiram algumas coisas, mas pouco sólidas. Tenho a impressão de que não sabem o que é certo e o que é errado, ou se sabem pouco se interessam. Eu digo que o filho que não pensa no pai tem a vida invertida. Quem não tem metas, objetivos claros e segue por caminhos errados, cedo ou tarde pagará pelos seus erros, terá uma vida muito atribulada. Aquele que se esmera no caminho do bem, da justiça, sempre acabará sendo recompensado com sentimentos de paz e alegria interior.

Às vezes me pergunto: depois de tantos anos de luta, quem é que vai me cuidar na velhice? Nos últimos tempos, sobretudo depois que sofri a última tentativa de seqüestro no sítio, em São Paulo, ninguém da família: filho, noras e netos, perguntam por mim. Ninguém se interessa em perguntar se estou bem de saúde. Por diversas vezes procurei por eles, mas eles não deram satisfação, não se interessam comigo. Eles bem sabem que não aprovo quem está fora da Lei. E como prova de que pouco se importam comigo, quero narrar o que se passou comigo na virada de 2010 para 2011.

Em dezembro de 2010, decidi passar o “revelion” em Florianópolis, com minha companheira Andressa Gandra. Viajamos de carro e, já próximos de Florianópolis, paramos para abastecer e para tomarmos um café. Enquanto éramos servidos, eu me sentia muito cansado. Então, notando a presença de uma enfermeira, pedi que verificasse a minha diabetes. Estava com 488. Ao chegar à Florianópolis fomos direto para o hospital e o médico, após alguns exames, me internou para 18 horas de soro. O médico, ao me conceder alta, pediu que eu fosse procurar um especialista. E assim, passamos o revelion no hotel. No dia 1º retornamos imediatamente para São Paulo. Chegando ao Hospital Nossa Senhora de Lourdes, apresentei ao especialista a carta do médico de Florianópolis. Fiquei internado por oito dias. Minha funcionária dona Sonia Maria Gandra foi avisar meu filho Jucenir, mas este se negou a recebê-la. Em seguida ela entrou em contato com dona Sônia, a esposa do falecido meu filho Jamir e os netos, comunicando que eu me encontrava hospitalizado. Durante os oito dias em que estive internado no Hospital Nossa Senhora de Lourdes só recebi a visita de minha sócia, a Dra. Elda Matos Barbosa, que se colocou a minha inteira disposição para tudo o que precisasse. Enquanto meus familiares me ignoraram,

minha funcionária, dona Sônia Gandra, mãe da Andressa, foi incansável: trabalhava de dia e passava a noite comigo. Infelizmente, nenhum de meus netos me deu a alegria de uma visita. Diante desta triste situação chorei muitas vezes e me pergunto: o que devo fazer?

Por isso tudo, decidi recompensar quem mais me ajudou e continua me ajudando. Em primeiro lugar aos meus funcionários, que me ajudaram durante tantos anos, e, depois, os bisnetos. Desta forma penso recompensar quem mais merece.”³⁵

³⁵Escrevi para meu filho Jucenir e também para minha nora Sônia, propondo um encontro para nos reconciliar. Contudo, até o momento não tive resposta alguma. Coloco, em anexo, duas destas cartas que expressam, acima de tudo, minha profunda tristeza pelo que está acontecendo.

A vida é uma incógnita

3

Outros fatos interessantes

3.1 - O “Monte Grappa” do Vô Guerino

“As histórias que ouvimos da boca de nossos pais, quando ainda éramos pequenos, são, certamente, aquelas que permanecem em nossa memória com maior riqueza de detalhes.

Dentre as muitas histórias do passado de nossa família, meu pai contava que meu bisavô Antônio Zanatta contava que do lugar em que viviam na Itália se avistava, ao longe por entre as montanhas, o majestoso “Monte Grappa”. E eu, desde pequeno, sempre alimentei o sonho de algum dia conhecer este misterioso lugar. Lugar que a fértil imaginação de criança se encarregara de recriar como sendo um cantinho misterioso e de indescritível beleza.

Muito tempo mais tarde, numa das primeiras viagens que fiz à Itália, resolvi conferir in loco, a veracidade desta história. Naquele tempo meu pai ainda vivia, mas nem ele e ninguém mais de nossos parentes sabiam informar o nome do lugarejo de onde o nosso bisa partira da velha Itália, em 1883. No entanto uma vaga pista alimenta-

va minhas esperanças: o fato de que meu pai sempre dizia que nossos antepassados viviam próximos de Volpago del Montello, na província de Montebelluno.

Quando cheguei a Volpago del Montello, desembarcando de um taxi, perguntei a primeira pessoa que encontrei na rua: “Por favor, meu bisavô nasceu aqui por perto e a única informação que tenho é de que da casa em que viviam podia se avistar, por entre as montanhas, o “Monte Grappa”. O Senhor tem ideia de onde poderia ser este lugar?” A sorte estava a meu favor, pois a pessoa para quem me dirigi era, casualmente, o senhor bispo, que foi super gentil comigo. Pediu que esperasse um “átimo” ali mesmo na calçada e, pouco tempo depois de sumir na primeira esquina, apareceu num “cinquecento” pedindo que embarcasse.

Monte Grappa e, em Volpago, os nomes dos combatentes da I Guerra Mundial, diversos Zanatta



Saindo da cidade percorremos uns cinco quilômetros por estradinhas do interior, todas asfaltadas, enquanto



trocávamos informações sobre nossos países. De repente o carrinho azul parou e o desconhecido e amável bispo, saindo do carro, apontou para o longe e disse: “Olha lá por entre aquelas montanhas o famoso “Monte Grappa” que seu bisavô tanto falava”! Tomado de emoção fiquei sem palavras. E à medida que as imagens registradas no passado desfilavam céleres em minha mente eu às refazia agora, imaginando-me no lugar do meu bisa, com uma pitada de realidade. E o bom bispo, consciente da importância daquele momento sublime, permaneceu em silêncio...

Quinze anos mais tarde, quando retornei a Volpago de Maltello em busca da Certidão de Nascimento do meu bisavô, fizemos uma nova descoberta. O responsável pelo Arquivo del Comune, de repente exclama: “Ma cè um’altro “Guerino Zanatta” nato qui nel sécolo scorso!” Só então descobrimos que meu avô, que se chamava Guerino, do qual meu pai herdara o nome, nascera na Itália e viera para o Brasil em 1883, com 18 anos de idade. Provavelmente a história que meu pai contava, as tinha ouvido do seu próprio pai, o meu vô Guerino.”

3.2 - O Relógio de Ouro que não funcionava

“Certa feita, estando em Jerusalém, fui tentado a comprar um relógio de ouro que me ofertaram numa relojoaria do centro histórico. O relógio era lindo, uma tentação, mas disse ao vendedor que era muito caro. Este, então, me fez outra oferta: “Olha, eu te entrego o relógio por U\$8.000,00, mas tem que ser depois de passar pela alfândega no aeroporto” (quatro mil a menos). Combinado.

No dia e hora marcada fizemos a transação e parti de Tel Aviv com o meu relógio de ouro, o mais lindo da minha coleção. Chegando ao Cairo não resisti à tentação de colocá-lo no pulso e eu e minha esposa Vitalina mergulhamos no tempo dos faraós do antigo Egito. Mas lá adiante me dei conta de que o tal relógio não funcionava. Disse então para a Vitalina: “Pucha vida, me lograram feio. Vai ver que este relógio é falsificado”. E ela riu da minha desgraça. Retirei o relógio do pulso e guardei na pasta junto com meus documentos e prosseguimos a viagem tentando esquecer mais este infortúnio.

Depois de retornar a Atenas, pegamos um “Tur de cinco dias pelas Ilhas Gregas. Casualmente no navio tinha uma loja da mesma firma H.Ster, que me vendera o relógio. Passei a conversar com uma atendente que, após me identificar foi logo dizendo: “Já sei, foi a Maria que lhe vendeu este relógio no Hotel David em Jerusalém. Fique

tranquilo. Procure uma autorizada que certamente lhe resolverá o problema”.

Quando retornamos a hospedaria em Roma, pedi que me informassem por um relojoeiro de confiança. Chegando até o mesmo entreguei o relógio e disse: Por favor, o senhor que entende, poderia conferir se por acaso este relógio não é falso? Tomando o relógio nas mãos sumiu... e, retornando em seguida, disse: “Este relógio é puro ouro, uma peça rara, vale uma fortuna, mas tem que ser conser-tado por um autorizada. Aqui em Roma não existe, só em Trento”. Então, consultando a lista das autorizadas vimos que também havia uma em Viena, que pretendíamos visitar em seguida.

No dia seguinte, tomamos o trem dispostos a enfrentar as doze horas que nos separavam da capital austríaca. Um pouco além de Údine, próximos à fronteira, me dirigi ao bar para comprar um lanche. Então, o próprio atendente me avisou de que, se esperasse cruzar para além da fronteira, ao invés de pagar U\$6,00 pagaria apenas R\$3,00. Fiquei impressionado com a honestidade do mesmo.

Enfim, chegamos à Viena. Da estação rumamos para um hotel. Tudo lotado. É muito difícil encontrar vaga nos hotéis de Viena nos meses de julho e agosto. O jeito era entrar na fila. E além de tudo, tínhamos a dificuldade da língua. Finalmente fomos salvos por um italiano que nos convidou a segui-lo: “Andiamo insieme”. Era sexta-feira e ficamos por lá, visitando igrejas, até na segunda-feira.

Na segunda-feira, depois de visitar a Igreja das Charretes, tomamos um taxi e fomos até a dita “autorizada”. Fomos atendidos por um “alemãozão” ruivo e mal conseguimos nos entender por gestos. Deu a entender que não era com ele e que esperássemos por um momento. Pouco tempo depois encostou uma “mercedinha” que nos levou na “autorizada”. Ali fomos atendidos por um

italiano. E eu, com o certificado de garantia na mão lhe disse: “Vocês me roubaram em Israel”. Então ele pegou o relógio e entrou noutra repartição com meu relógio de ouro na mão. Dali a pouco voltou um outro “alemãozão” e perguntou: “Quanto pagou por este relógio”? Oito mil dólares. “Por esta quantia podes deixar o relógio aqui”. Tinha quebrado um eixo. E assim, o relógio de ouro foi consertado em Viena, capital da Áustria.

Coloquei o relógio no pulso, mas, em viagem para Rovereto, percebi que atrasava dez minutos a cada vinte e quatro horas. Em Castellano perguntei ao parente Paulo se conhecia algum relojoeiro que pudesse desvendar o problema e ele, então, me acompanhou de volta a Rovereto. O atendente pegou o relógio, subiu num mezanino e desceu acompanhado de um velhinho com o relógio na mão e a solução definitiva: “Stia attento, non lasciare questo orologio in mano di qualcuno. É nuovo, in período di prova (amaciando)”.

De fato, um mês depois o relógio funcionava perfeitamente! E o problema do relógio de ouro estava solucionado.”

A vida é uma incógnita

3.3 - Um pedido de adoção ‘rentável’

“Durante as diversas vezes em que eu e a Vitalina estivemos em Grottaferrata, terra de bons vinhos, distante uns vinte e pouco quilômetros de Roma, acabamos fazendo amizade com a família de Irineo Anibaldi. Irineo nos informou que tinha um primo casado que morava junto à Estação Quadratto em Roma e que desejava muito adotar um filho. De volta a Roma e de posse do endereço, encontramos em contato com o dito casal. Estes providenciaram toda a documentação necessária para encaminhamento de adoção no Brasil. Mesmo não sendo esta minha área de atuação como advogado, pensei em prestar esse favor em prol deste casal que tanto deseja adotar uma criança, já que não podiam ter filhos.

Retornando ao Brasil, entreguei a documentação para o Juizado de Menores a fim de que dessem o encaminhamento necessário. Uma advogada que atuava do ramo, depois de uns quinze dias, telefonou dizendo que estavam à disposição não apenas uma, mas duas crianças para serem adotadas. E as crianças acabaram sendo entregues em nossa casa pela própria mãe, acompanhada da advogada. As duas crianças permaneceram sob os nossos cuidados por alguns dias, até que toda a documentação ficasse pronta.

No entanto, uma semana depois a advogada, cujo nome poderia citar, chegou até a nossa casa argumentando que a mãe só entregaria as crianças em definitivo caso lhe fosse paga a quantia de U\$10.000,00. No mesmo instante pensei comigo mesmo: será possível que esta mãe esteja querendo vender os seus próprios filhos? Indignado respondi que jamais faria isto, mesmo porque estava fazendo tudo aquilo sem interesse pecuniário, apenas por amizade, e devolvi as duas crianças.

Três anos mais tarde voltamos a Grottaferrata e, visitando nossos velhos amigos Anibaldi, fomos mal recebidos. Disseram que não contavam com tanta traição e desonestidade de minha parte. Para nossa surpresa ficamos sabendo, então, que o tal casal da Estação Quadratto de Roma, tinha adotado, as duas crianças mediante a soma de U\$20.000,00 “cobrados por mim”. Segundo seu relato, a meu mando, as duas crianças foram entregues para eles por um juiz e a tal advogada do Brasil a quem eu tinha procurado anteriormente.

De pouco adiantaram nossos argumentos de que não sabíamos de nada e de que tínhamos rejeitado a indecorosa “proposta” da mãe das duas crianças, se é que isto de fato acontecera. Eles não admitiram a possibilidade daquela advogada e juiz terem extorquido o pobre casal por dinheiro. Acabei ficando com a fama de desonesto e perdendo nossos amigos casuais para sempre.

Voltamos ao Brasil, indignados com a tal advogada e seu juiz comparsa. Pouco a pouco descobrimos tudo, mas sem provas documentais para acusá-los, ficamos apenas com a vergonha perante nossos amigos de Roma e Grottaferrata.

Pouco tempo depois, estava eu na sala de Audiências e o tal “juiz” ao perceber minha presença, disfarçadamente saiu de cena. Este mesmo juiz, hoje desembargador, aca-

bou de falar em rede nacional pela televisão, no último dia 27 de julho de 2012, sobre Criminalidade no Brasil. Infelizmente, os aproveitadores estão onde menos se espera.”

3.4 - O promotor que acabou com o Maluf

“Certa vez entrei com um processo contra o INSS sobre um acidente ocorrido cinco anos antes. Todos sabem que todo processo movido três anos após o fato ocorrido ‘prescreve’. No entanto eu informei na ‘inicial’ que, no último ano da data da ‘propositura da ação’ por motivo do acidente, meu cliente perdeu o movimento do braço direito. O mesmo promotor que conseguiu incriminar o Maluf pelos desvios de dinheiro em bancos estrangeiros, por ironia da história, interferiu pela improcedência da ação por estar ‘prescrito’. No entanto, o juiz que entendia do assunto, alertou o promotor que devia estudar mais para não errar ao dar seus pareceres, pois a prescrição de dois anos é da data da redução do movimento do braço e não da data do acidente.

O juiz estudou o que eu falei e deu precedente a ação.”

Anexo 1: (cópia *ipsis litteris*, inclusive quanto aos espaços e parágrafos)

A/C: JUCENIR

Venho por meio desta, demonstrar a minha tristeza, sabe filho, no Seu nascimento e de seu Irmão fiquei muito feliz, foi o dia mais feliz da minha vida e da sua mãe que Deus a tenha no céu.

Porém, no momento em minha velhice me vejo desamparado, sem o seu Irmão que Deus o levou, e Você tão perto, mas tão longe de mim, queria que você se colocasse um pouquinho no meu lugar, foi muito difícil chegar aonde cheguei. As criações de vocês foram muito complicadas, pois passamos por muitas necessidades financeiras, porém acreditei no amanhã e hoje me pergunto se valeu a pena??

Respondo valeu a pena sim, ser pai de Você e de seu Irmão, se pudesse voltar atrás faria tudo novamente, porém, acho que Você não pensa assim, pois não tem Amor por Mim, pois nem ao menos um telefonema recebo.

É óbvio que não quero justificar, mas quero entender o motivo de tanta distância, pois estou Velho, frágil, e muito doente, e sequer uma ligação. Estive internado, após as festas e nem assim recebi uma visita, lamentei, sofri, mas o que mais me magoa é você não sentir falta de seu Pai.

Agora te pergunto Você como Pai é Perfeito??

Não erra?

Estou muito triste e a tristeza desencadeia a desregulização da Diabetes, a qualquer momento a doença pode me vencer, e ir embora de vez, será que Você não pensa nem um pouco nisto.

Conforme mencionei devo ter errado muito na criação dos meus filhos, porém nada justifica a sua ausência e dos Netos, pois Você também é Pai e sabe o quanto é difícil criar filhos, sempre queremos o melhor, hoje ainda é melhor, pois sequer pode dar umas palmadas, mas ainda assim os filhos crescem revoltados, porém não entendo a revolta, o desprezo de sua parte pelo seu pai.

Olhando para trás somente tentei construir e nunca pensei em trazer, causar problemas, mas conforme aprendi; “se tratasse vocês Filhos HOMENS, com flores e pétalas Tu não serias o Homem que é hoje, se criasse um filho frágil, não iria aprender a tomar decisões que a sociedade

penera rigorosamente”. Ademais criei filhos para Vencer na vida, para que sirva de exemplo amanhã/futuro.

Sinto que você foi influenciado por pessoas más que não tem Amor, não são Cristãs, mas as diferenças se resolvem conversando de frente, cara a cara, olhos nos olhos.

É bíblico, Honre teu Pai e Tua Mãe para que se prolonguem os seus dias na Terra, no presente sou Eu, mas amanhã pode ser Você, pois tenho certeza que Você comete falhas.

Através desta, estou expressando meu sentimento, pois Você não vem até mim pra que eu possa falar, batermos um papão, pelo menos uma ligação, quero que entenda estou Velho, amanhã a Deus pertence, mas ao passarmos daqui para o outro lado da Morte, nunca mais você me verá, apenas terá um túmulo de cimento que poderá visitá-lo, porém não saberei, não verei.

Não tem valor que pague um Carinho de filho para Pai, apesar de nunca ter me expressado, quero que saiba que sempre Te Amei e Amo, mas entenda é muito difícil para Mim, demonstrar.

Há um dito popular que dispõe, Um pai e para 100 (cem) filho, Mas um filho não é para um pai. A tristeza, preocupação, falta de carinho estão me consumindo a cada dia. Não quero nesta colocar ameaçar, xingar, ofender, apenas estou me desabafando enquanto há tempo, pois amanhã pode ser tarde.

Pense, reflita, coloque-se pelo menos no meu lugar.

Na minha idade as palavras ficam cada vez mais escassas, mas através da escrita, pude pelo menos desabafar um pouco, pois tentei inúmeros contatos através de telefone, mas Você jamais pode me atender nem ao menos um momento.

Quero narrar um breve relato a você meu filho:

“Uma criança com apenas 6 (seis) anos de idade, decidiu sair de casa, pois o Pai era alcoólatra, e agredia a esposa e os filhos e faltava tudo dentro de casa, jamais este garoto recebeu qualquer carinho por parte do pai, então o garoto resolveu sair de casa.

Passaram-se vinte anos, e o garoto era um homem, este passou muita necessidade, mas venceu, porém sempre dizia que queria encontrar sua família em especial seu pai. E um dia na Praça da Sé este rapaz formado e com sua família avistou um mendigo e se aproximou dele, sabe Deus o motivo, porém chegou perto e começou a falar de Deus para ele, então o mendigo passou a contar a vida e a vida do mendigo era a do rapaz para surpresa e espanto estava diante do seu pai. Este rapaz então abraçou e pediu perdão, mesmo sem ter cometido qualquer erro como filho então o Pai respondeu não é você que tem que me pedir perdão, mas sim eu, passaram-se apenas uma semana então o Pai faleceu, mas o filho pode demonstrar o Amor de Filho para Pai e vice-versa”.

Se errei como Pai, Acerte como Filho.

Atenciosamente,

Arcide Zanatta – aos 17.02.2012.

Anexo nº 2 : (cópia *ipsis litteris*)

A/C: Sonia Zanatta

Durante toda a infância eu assessoriei meus filhos, dando-lhes educação, carinho e afeto, estando sempre ao lado dos mesmos para o que precisassem, sempre fiz o que meu pai me ensinou, ou seja, a trilhar o caminho do bem, dando bom exemplo e, esta foi a lição que tentei passar aos meus filhos.

Hoje, em minha velhice não recebo o apoio que necessito, não tenho o carinho e a atenção dos filhos que criei e dos netos que, ao passarem por mim sequer me cumprimentam.

Diante de todos os episódios que ocorreram, como o falecimento de minha esposa e do Jamir, jamais recebi o apoio ou sequer uma visita do meu filho e de meus netos.

Por diversas vezes aconselhei o Jamir, dando-lhe bons conselhos, realizando assim meu dever de pai, já que por algumas vezes sentia que algo poderia acontecer.

Mesmo quando sua mãe ainda era viva, e estava doente nunca recebi uma visita sua.

É triste para um pai, avô chegar a velhice e não ter ao seu lado o carinho dos filhos e dos netos e, é por esta razão que escrevo esta carta, afim de tentar uma reaproximação.

São muitos os acontecimentos que vem ocorrendo nos últimos tempos, estou sendo pressionado pela Receita Federal e, apesar de ter tentado contato com você, não obtive sequer uma resposta, um retorno.

Sempre agi de forma a criar meus filhos para serem homens de bem, de caráter íntegro, a fim de serem bem quistos pela sociedade e serem felizes em suas escolhas na vida.

Não bastasse isso, com a morte do Jamir, vários clientes tem vindo ao escritório reclamar e, é por isso que

peço que não usem o nome Zanatta no atendimento e, se o fizerem que seja Zanatta Filho.

Nunca recebi no meu aniversário, Natal ou Ano Novo, um parabéns ou um abraço, um pequeno gesto de carinho, atitudes que fazem falta na vida de um pai, de um avô.

A Bíblia nos ensina que devemos honrar e amar nossos pais e, isto é o que sempre esperei de meus filhos.

Por fim, informo que aguardarei um contato pelo prazo de 30 (trinta) dias e, se não obtiver qualquer resposta tomarei outras medidas.

Feliz Natal
e
Próspero Ano Novo

Atenciosamente,

21 de Dezembro de 2010
Arcide Zanatta

Anexos



SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DE SÃO PAULO



Dependência: DEL.POL.EMBU,DAS ARTES
Boletim No.: 2769/2012

Folha: 1
INICIADO:23/06/2012 10:47hs e EMITIDO:23/06/2012 11:31hs
JNLQNSCDBFEHN^b

Boletim de Ocorrência de Autoria Desconhecida.

Natureza(s):

- Espécie: Título II - Patrimônio (arts. 155 a 183)
- Natureza: Roubo (art. 157)
- Objeto Material da Conduta Criminosa: RESIDENCIA Consumado
- a violência ou ameaça é exercida com emprego de arma (art. 157, §2o., I)
- há concurso de duas ou mais pessoas (art. 157, §2o., II)
- o agente mantém a vítima em seu poder, restringindo sua liberdade (art. 157, §2o., V)

Local: ESTRADA DO TATA, 9 - PALMEIRINHA - JUQUITIBA - SP
Tipo de local: Unidade rural -> Sítio-Casa
Circunscrição: DEL. POL. JUQUITIBA

Ocorrência: 23/06/2012 às 05:00 horas.
Comunicação: 23/06/2012 às 10:42 horas
Elaboração: 23/06/2012 às 10:47 horas
Flagrante: Não

Vítimas:

- ARCIDE ZANATTA - Presente ao plantão - RG: 5079804-SP
Exibiu o RG original: Não - Pai: GUERINO ZANATTA
Mãe: LEDIZIA DEITOS ZANATTA - Natural de: NAO INFORMADA(MOT=ACERVO)
Nacionalidade: BRASILEIRA - Sexo: Masculino - Nascimento: 03/10/1937
74 anos - Estado civil: Viúvo - Profissão: ADVOGADO(A)
Instrução: Superior completo - Cutis: Branca
Endereço Residencial: ESTRADA DO TATÁ, 9 - PALMEIRINHA - JUQUITIBA - SP
Telefones: (11)4686-1329 (Residencial)
- DANILLO GANDRA DA CRUZ - Presente ao plantão - RG: 42362589-SP
emitido em 14/12/2006 - Exibiu o RG original: Sim
Pai: SALVADOR GONCALVES DA CRUZ - Mãe: SONIA MARIA GANDRA DA CRUZ
Natural de: DIADEMA -SP - Nacionalidade: BRASILEIRA - Sexo: Masculino
Nascimento: 10/04/1986 26 anos - Estado civil: Casado
Profissão: CASEIRO(A) - Instrução: 2 Grau completo - Cutis: Parda
Endereço Residencial: ESTRADA DO TATÁ, 9 - PALMEIRINHA - JUQUITIBA - SP
Telefones: (11)4686-1329 (Residencial)
- ANDRESSA GANDRA DA CRUZ - Presente ao pl ntão - RG: 40460782-SP

DEL.POL.EMBU,DAS ARTES

Endereço da delegacia: R. MARCELINO PINTO TEIXEIRA, 56 - PQ INDUSTRIAL-EMBU-SP. CEP: 06816-000
Telefone: (11)4704-2020



SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DE SÃO PAULO



Dependência: DEL.POL.EMBU DAS ARTES
Boletim No.: 2769/2012

INICIADO:23/06/2012 10:47hs e EMITIDO:23/06/2012 11:31hs
Folha :2
JNLNSCRDFEEHN'b

emitido em 08/11/2010 - Exibiu o RG original: Sim
Pai: SALVADOR GONCALVES DA CRUZ - Mãe: SONIA MARIA GANDRA DA CRUZ
Natural de: RIBETRAO DO PINHAL -PR - Nacionalidade: BRASILEIRA
Sexo: Feminino - Nascimento: 19/02/1984 28 anos - Estado civil: Solteiro
Instrução: 1 Grau completo - CPF: 32890542840 - Cutis: Parda
Endereço Residencial: ESTRADA DO TATÁ, 9 - PALMEIRINHA - EMBU - SP
Telefones: (11)4686-1329 (Residencial)
- SONIA MARIA GANDRA - Presente ao plantão - RG: 20038336-SP
emitido em 14/07/2000 - Exibiu o RG original: Sim
Pai: SALVO FERREIRA GANDRA - Mãe: JACIRA ALVES DE SOUZA
Natural de: PARANA -RN - Nacionalidade: BRASILEIRA - Sexo: Feminino
Nascimento: 10/05/1966 46 anos - Estado civil: Divorciado
Profissão: ZELADOR(A) - Instrução: 2 Grau completo - CPF: 25265268847
Cutis: Parda - Endereço Residencial: AVENIDA AIDA, 995 - CENTRO - DIADEMA
SP - Telefones: (11)4056-4442 (Comercial)

Condutor:

- SIMONE APARECIDA TEIXEIRA MACHADO DE BORBA - Presente ao plantão
RG: 25908101-SP - emitido em 18/05/1999 - Exibiu o RG original: Sim
Outros documentos: RE 951873-8 - Pai: VICENTE TEIXEIRA
Mãe: MARIA INACIA TEIXEIRA - Natural de: SÃO PAULO/SP.
Nacionalidade: BRASILEIRA - Sexo: Feminino - Nascimento: 02/10/1971
40 anos - Estado civil: Casado - Profissão: POLICIAL MILITAR
Instrução: 2 Grau completo - Cutis: Branca
Endereço Comercial: RUA EDUARDO ROBERTO DAHER, 47 - CENTRO
CEP: 06950-000 - JUQUITIBA - SP - Telefones: (11)4681-4144 (Comercial)

Objetos - (SUBTRAÍDO)

- Tipo: Equipamento de segurança/fiscalização - Subtipo: GPS
Unidade.: Unidade - Pessoa relacionada: ARCIDE ZANATTA
- Tipo: Informática - Subtipo: Notebook/Laptop - Qtde: 1 - Unidade.: Unidade
Marca: TABLET SAMSUNG - Pessoa relacionada: ANDRESSA GANDRA DA CRUZ
- Tipo: Jóias e afins - Subtipo: Anel - Qtde: 2 - Unidade.: Unidade
Observações: DOIS ANÉIS PEDRA AZUL
Pessoa relacionada: ANDRESSA GANDRA DA CRUZ
- Tipo: Jóias e afins - Subtipo: Brinco - Qtde: 2 - Unidade.: Unidade
Observações: DOIS BRINCOS DE PEDRA AZUL COM BRILHANTE
Pessoa relacionada: ANDRESSA GANDRA DA CRUZ
- Tipo: Jóias e afins - Subtipo: Relógio-Jóias e afins - Unidade.: Valor
Observações: APROXIMADAMENTE R\$5.000,00 (CINCO MIL REAIS)
Pessoa relacionada: ARCIDE ZANATTA

DEL.POL.EMBU DAS ARTES

Endereço da delegacia: R. MARCELINO PINTO TEIXEIRA, 56 - PQ INDUSTRIAL-EMBU-SP. CEP: 06816-000
Telefone: (11)4704-2020



SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DE SÃO PAULO



Dependência: DEL.POL.EMBU DAS ARTES
Boletim No.: 2769/2012

Folha :3
INICIADO:23/06/2012 10:47hs e EMITIDO:23/06/2012 11:31hs
JNLQNSCDBFEHNM

- Tipo: Telecomunicação - Subtipo: Telefone celular - Qtde: 2
Unidade.: Unidade - Marca: SAMSUNG GALAXY
Observações: NÚMERO DA LINHA: 99817724
Pessoa relacionada: ARCIDE ZANATTA
- Tipo: Telecomunicação - Subtipo: Telefone celular - Qtde: 1
Unidade.: Unidade - Marca: SAMSUNG
Pessoa relacionada: SONIA MARIA GANDRA
- Tipo: Telecomunicação - Subtipo: Telefone celular - Qtde: 1
Unidade.: Unidade - Marca: LG
Observações: NÚMERO DA LINHA 64901075 OP. VIVO
Pessoa relacionada: ANDRESSA GANDRA DA CRUZ
- Tipo: Valor/Moeda - Subtipo: Real - Unidade.: Valor
Observações: R\$120.000,00 (CENTO E VINTE MIL REAIS)
Pessoa relacionada: ARCIDE ZANATTA
- Tipo: Valor/Moeda - Subtipo: Real - Unidade.: Valor
Observações: R\$100,00 (CEM REAIS)
Pessoa relacionada: ANDRESSA GANDRA DA CRUZ
- Tipo: Valor/Moeda - Subtipo: Real - Unidade.: Valor
Observações: R\$6.000,00 (SEIS MIL REAIS)
Pessoa relacionada: SONIA MARIA GANDRA
- Tipo: Vestuário e acessórios - Subtipo: Oculos de sol - Qtde: 1
Unidade.: Unidade - Marca: RAYBAN
Pessoa relacionada: ANDRESSA GANDRA DA CRUZ
- Tipo: Vestuário e acessórios - Subtipo: Relógio de pulso - Qtde: 1
Unidade.: Unidade - Marca: ORIENT - Observações: PRATA COM BRILHANTE
Pessoa relacionada: ANDRESSA GANDRA DA CRUZ

Armas e Acessórios:

- Pessoa relacionada: ARCIDE ZANATTA - Modo: SUBTRAÍDO - Arma: Revolver
Marca: CORTE - Calibre: 32 - Proprietário: ARCIDE ZANATTA

Histórico:

Comparece a condutora PM Simone, R.E 951873-8, noticiando que houve assalto no sítio da vítima Arcide Zanatta. Cerca de nove indivíduos invadiram o sítio, sendo que três vestiam uniformes do exército, toca ninja e casacos preto, porém não foram identificados. Os meliantes invadiram e renderam a vítima Danilo, caseiro, dizendo serem agentes da Polícia Federal. Após adentrarem o sítio, os autores foram em busca do dono do sítio, o senhor Zanatta. Os autores reviraram toda a casa e renderam as demais vítimas, subtraindo os objetos

DEL.POL.EMBU DAS ARTES

Endereço da delegacia: R. MARCELINO PINTO TEIXEIRA, 56 - PQ INDUSTRIAL-EMBU-SP. CEP: 06816-000
Telefone: (11)4704-2020



SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DE SÃO PAULO



Dependência: DEL.POL.EMBU DAS ARTES
Boletim No.: 2769/2012

INICIADO:23/06/2012 10:47hs e EMITIDO:23/06/2012 11:31hs

Folha :4

JNLQNSCDBFEEHN^b

anteriormente mencionados e relacionados com as respectivas vítimas. Em seguida, os autores evadiram-se do local. Os meliantes amarraram todas as vítimas, porém a vítima Sônia conseguiu se desamarrar e soltar as demais pessoas. A PM foi acionada e presenciou o local. Perícia técnica no local prejudicada. Nada mais.

Providências tomadas: MSG CEPOL

Solução: ENCAMINHAMENTO DP ÁREA DO FATO

Confere (m), assina (m) e recebe (m) uma via

ARCIDE ZANATTI

Daniilo Gandra da Cruz

DANILO GANDRA DA CRUZ

Andressa Gandra da Cruz

ANDRESSA GANDRA DA CRUZ

Sônia Maria Gandra

SONIA MARIA GANDRA

Bruno Morgado Ujo

BRUNO MORGADO UJO
ESCR POL

Antonio Carnezi Filho

ANTONIO CARNEZI FILHO
DELEGADO DE POLÍCIA

DEL.POL.EMBU DAS ARTES

Endereço da delegacia : R. MARCELINO PINTO TEIXEIRA, 56 - PQ INDUSTRIAL-EMBU-SP, CEP: 06816-000
Telefone: (11)4704-2020



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

Ignacio Dalcim, mestre em História pela PUG de Roma e cursos de especialização em História da América Latina no México, reside atualmente em Marau, RS, dedica-se à pesquisa e é autor de: Em busca de uma Terra sem Males” (Ed. EST), Breve HISTÓRIA das REDUÇÕES jesuítico-guaranis...(Edições Loyola), 90 anos de Fé e Trabalho (Ed. Berthier), Fascínio e mistério nas ruínas das Missões (Ed. Berthier) e alguns relatos de Viagens como: Viagem ao extremo sul da América, Viagem ao deserto do Atacama, Viagem pelo oeste do Brasil, Viagem pelo centro e nordeste do Brasil, Viagem às ruínas das Missões – que podem ser lidos, via online, em www.projetopassofundo.com.br

“ Quem sou eu? ”

Já me aproximo dos 76 anos e a minha vida não é fácil de explicar. Não foi o mar de rosas que eu imaginava, mas também não comi o pão que o diabo amassou. Diria que a vida é uma incógnita. Incógnita porque ninguém pode prever o futuro.

Incógnita porque meu caminho foi cheio de surpresas, nem sempre tão bem vindas.

Não sou nada especial, disso estou certo. Sou um homem comum, com pensamentos comuns e vivi uma vida comum. Tenho certeza de que, depois que eu partir deste mundo, não será construído nenhum monumento em minha homenagem e, em breve, o meu nome será esquecido.

Desejo a você, leitor destas páginas, uma vida de muitas surpresas agradáveis e que, ao chegar ao fim do caminho, possa dizer: valeu a pena viver!



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura